UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Área de Concentração: História, Cultura e Política

LILIANA GRUBEL NOGUEIRA

O MERCADOR NO *LIVRO DA ARTE DO COMÉRCIO* (1458), DE BENEDETTO COTRUGLI (1416-1469)

Dissertação de Mestrado

Maringá
2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Área de Concentração: História, Cultura e Política

LILIANA GRUBEL NOGUEIRA

O MERCADOR NO *LIVRO DA ARTE DO COMÉRCIO* (1458), DE BENEDETTO COTRUGLI (1416-1469)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História.

Área de Concentração: História, Cultura e Política.

Linha de Pesquisa: História, Cultura e Narrativas.

Orientador: Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis.

Maringá

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

N778m

Nogueira, Liliana Grubel
O mercador no livro da arte do comércio (1458), de Benedetto Cotrugli (1416-1469) / Liliana Grubel Nogueira. -- Maringá, PR, 2019.
88 f.: il. color., figs.

Orientador: Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2019.

1. Cotrugli, Benedetto, 1416-1469 - Livro da arte do comércio. 2. Mercador - Manuais. 3. Mercador - Baixa Idade Média - Ocidente. 4. Idade média - Comércio. I. Reis, Jaime Estevão dos, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD 23.ed. 909

Elaine Cristina Soares Lira - CRB-9/1202

LILIANA GRUBEL NOGUEIRA

O MERCADOR NO *LIVRO DA ARTE DO COMÉRCIO* (1458), DE BENEDETTO COTRUGLI (1416-1469)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História.

Área de Concentração: História, Cultura e Política.

Linha de Pesquisa: História, Cultura e Narrativas.

Aprovada em: 30 / 07 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Leila Rodrigues da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Prof.ª Dr.ª Karla Maria da Silva
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis
Universidade Estadual de Maringá – UEM
(Orientador)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Tereza e Ivair, alicerces do meu existir.

AGRADECIMENTOS

Sou muito feliz, porque tenho pessoas maravilhosas ao meu lado. Sem o amor, os conselhos, o abrigo e toda paciência e cumplicidade nos momentos difíceis, eu não conseguiria chegar até aqui. Somente palavras não expressam quão grata lhes sou.

Quero agradecer a Deus pelo dom da vida e por cuidar de mim da maneira mais bela possível.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Jaime Estevão dos Reis, pela paciência, dedicação e confiança e por me dar a oportunidade de lapidar esta pedra preciosa. Sem você, esta pesquisa não seria possível. Muito obrigada!

Agradeço a minha mãe e ao meu pai, Tereza e Ivair, que, com garra e determinação, ensinaram-me a ser honesta, forte e a batalhar. Inclusive, quero agradecê-los por fazerem de tudo para que eu não faltasse um dia na escola. Juntos, ensinaram-me a amar, a dar valor e a perceber o quão importante são os estudos. Obrigada por todos os conselhos, por me acolherem em todos os momentos e por apoiarem meus sonhos. Eu amo muito vocês.

Agradeço a minha irmã, Luciana, que ajudou a cuidar de mim desde quando nasci. Quantas lembranças! Obrigada por seu amor e por, juntamente com seu esposo, Leandro Luiz, proporcionar a mim a alegria de ser tia de dois anjos. Amo vocês.

Expresso meu agradecimento às professoras Doutora Leila Rodrigues da Silva e Doutora Karla Maria da Silva, por terem aceitado o convite para banca, oferecendo seus conhecimentos e me ajudando de maneira enriquecedora no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos e a minhas amigas inestimáveis, que me acolheram e me ouviram nos momentos de dificuldade e me proporcionaram imensas alegrias.

Deixo meu agradecimento aos professores que me ensinaram no decorrer de toda minha vida.

Agradeço aos meus colegas pesquisadores do Laboratório de Estudos Medievais e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá.

À CAPES, agradeço pelo financiamento da pesquisa, que me permitiu a dedicação exclusiva para desenvolver este trabalho.

“Se eu fosse um antiquário, só teria olhos para as coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida” – Henri Pirenne.

RESUMO

Esta dissertação busca analisar a imagem do mercador no *Livro da arte do comércio*, escrito pelo mercador e humanista Benedetto Cotrugli (1416-1469), em agosto de 1458. Procuramos, especialmente, compreender aspectos do cotidiano do mercador no contexto da Baixa Idade Média no Ocidente. Utilizamos como fonte a edição crítica em italiano moderno, publicada em 2016, sob o título *Libro de l'arte de la mercatura*, que está a cargo de Vera Ribaudo, bem como a tradução de John Francis Phillimore para o inglês, embasada nessa edição, intitulada *Benedetto Cotrugli – The book of the art of trade*, de 2017. Assim, a partir da leitura da historiografia relativa ao comércio na Idade Média, sobretudo das análises relativas aos manuais de mercadores, realizamos um estudo sobre as virtudes e as qualidades do mercador ideal na concepção de Benedetto Cotrugli e os aspectos relativos ao seu ambiente doméstico e profissional.

Palavras-chave: Manuais; Mercadores; Benedetto Cotrugli; Idade Média.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the image of the merchant in *The Book of the Art of Trade*, written by the merchant and humanist Benedetto Cotrugli (1416-1469), on August 25, 1458. We especially seek to understand aspects of the merchant's daily life in the context of the Late Middle Ages in the West. We use as a source the critical edition in modern Italian, published in 2016, under the title *Libro de l'arte de la mercatura*, in charge of Vera Ribaudo, as well as the translation of John Francis Phillimore to the English, based on this edition, titled *Benedetto Cotrugli - The Book of the art of trade*, of 2017. Thus, from the reading of the historiography related to the trade in the Middle Ages, especially the analyzes related to the manuals of merchants, we carried out a study on the virtues and qualities of the ideal merchant in the conception of Benedetto Cotrugli and aspects related to its domestic and professional environment.

Keywords: Manuals; Merchants; Benedetto Cotrugli; Middle Ages.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estátua de Benedetto Cotrugli 17
Quadro 2 - Manuscritos disponíveis do *Livro da arte do comércio*, de Benedetto Cotrugli 43
Quadro 3 - Modernas edições impressas da obra *Livro da arte do comércio* 48
Quadro 4 - Edições contemporâneas da obra *Livro da arte do comércio* 54
Quadro 5 - Estrutura do *Livro da arte do comércio* 58

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página inicial do prefácio em latim do manual *De navigatione* 19
Figura 2 – Galera veneziana do século XV 36
Figura 3 – Rotas de comércio, cidades e mercadorias no século XIV 39
Figura 4 – *Della mercatvra et del mercante perfetto* 44
Figura 5 – *Della mercatvra et del mercante perfetto* 45
Figura 6 – *Della mercatvra et del mercante perfetto* 46
Figura 7 – *Dela marchandise, et dv parfaict marchant*..... 47
Figura 8 – *Il libro dell'arte di mercatura*, 1990 49
Figura 9 – *Traité de la marchandise, et du parfait marchand*, 2008 50
Figura 10 – *Libro de l'arte de la mercatura*, 2016..... 51
Figura 11 – *Benedetto Cotrugli – The Book of the Art of Trade*, 2017 52
Figura 12 – *Benedetto Cotrugli – Arricchirsi com onore: elogio del buon imprenditore*, 2018 53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO I – BENEDETTO COTRUGLI: UM MERCADOR DO SÉCULO XV ... 15

1.1 Benedetto Cotrugli: breve biografia 15

1.2 Os manuais de mercadores medievais: aspectos de uma polêmica 21

1.3 O contexto de produção dos manuais de mercadores medievais: a "Revolução Comercial da Idade Média" 26

CAPÍTULO II – O *LIVRO DA ARTE DO COMÉRCIO* 40

2.1 A "tipologia" dos manuais de mercadores medievais 40

2.2 Os manuscritos e edições impressas do *Livro da arte do comércio* 42

2.3 O conteúdo do *Livro da arte do comércio* 54

CAPÍTULO III – O MERCADOR IDEAL: AS VIRTUDES E O AMBIENTE DOMÉSTICO E PROFISSIONAL 61

3.1 Em busca de uma definição da imagem do mercador na ótica de Benedetto Cotrugli 61

3.2 As virtudes e qualidades do mercador ideal 65

3.3 O ambiente doméstico e profissional: a casa e o escritório do mercador 74

CONSIDERAÇÕES FINAIS 80

REFERÊNCIAS 82

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, buscamos compreender a imagem do mercador no *Livro da arte do comércio*, de Benedetto Cotrugli, escrito em 1458. Enfatizamos aspectos do cotidiano do mercador italiano no contexto da Baixa Idade Média.

Os estudos acerca da documentação produzida pelos mercadores permitiram aos historiadores conhecer o universo dos "homens de negócios", para usar a expressão de Yves Renouard, da Idade Média. Nelas, estão registradas informações valiosas referentes às práticas comerciais, às moedas, às mercadorias, às praças de comércio, aos portos, aos lucros auferidos, aos intercâmbios, aos transportes, às taxas, às pesagens e as demais negociações relativas à comercialização à média e à longa distância.

Esses estudos mostram, também, as relações entre o Ocidente e o Oriente, por meio do intenso comércio que se intensificou a partir do século XI e do surgimento da figura de mercadores especializados, vinculados às grandes companhias de comércio, especialmente a partir do século XIII. É exatamente na figura do mercador das grandes companhias que se insere esta investigação.

Buscamos analisar a imagem desse tipo de comerciante em uma fonte específica, isto é, os manuais de mercadorias escritos por homens à frente das companhias de comércio, no caso, italianas. As Cidades-Repúblicas italianas, com seu comércio ativo, controlavam a quase totalidade das principais rotas de comércio desde o século XIII, consequentemente, promoveram a criação de uma verdadeira cultura mercantil e financeira, que se difundiu para todo o Ocidente.

Os autores dos manuais, conforme afirmamos, eram os próprios mercadores, e, embora formem um gênero literário comum, podemos perceber que esses escritos revelam aparentes diferenciações entre si, dando-nos a possibilidade de definir as "tipologias". Podemos identificar três tipos de manuais: o primeiro é o que se pode chamar de didático, que poderia ser utilizado na formação dos jovens aprendizes; o segundo é mais técnico, com instruções eminentemente econômicas, que revelam a complexidade do mundo comercial; por fim, há aqueles manuais que, além de informações econômicas, apresentam uma gama de conteúdos voltada, também, para questões políticas, filosóficas e morais, objetivando demonstrar o modelo ideal de mercador (REIS, 2016).

É nessa terceira tipologia que se insere o *Livro da arte do comércio*, escrito por Benedetto Cotrugli. Em meio à sociedade da Baixa Idade Média, que estava moldando seus valores morais, a obra postula ao mercador algumas virtudes necessárias, a fim de torná-lo um

exemplo no mundo dos negócios, em sua atuação pública, bem como no âmbito familiar e religioso, elevando o *status* da profissão e o papel que deve exercer na sociedade.

Ao falarmos dos mercadores medievais, é salutar que reconheçamos as investigações pioneiras a respeito dessa temática. A atenção aos estudos acerca da cultura e da instrução dos mercadores medievais teve início no ano de 1929, na primeira edição da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, com um artigo do historiador e medievalista belga Henri Pirenne (1862-1935), denominado *L'instruction des marchands au moyen âge*, salientando que os mercadores possuíam uma instrução tão promissora quanto o movimento comercial ocorrido no Ocidente a partir do século XI.

Tal artigo se trata de uma resposta à tese do economista e sociólogo alemão Werner Sombart (1863-1941), que, em seu livro *Der moderne kapitalismus* (1902), considera o mercador medieval um pequeno comerciante analfabeto ou semianalfabeto, preocupado apenas em subsistir, sem a preocupação de obter lucros e enriquecer, isto é, faltar-lhe-ia o "espírito empreendedor", próprio do capitalista do início do período moderno.

Após Henri Pirenne, outros historiadores econômicos se aprofundaram nos estudos acerca dos mercadores medievais e da documentação por eles elaborada. Destaca-se o historiador econômico Reymond de Roover que publicou, em 1942, o artigo *The comercial revolution of the 13th century*. A partir dessa publicação, o termo "Revolução Comercial da Idade Média", adotado por historiadores como Armando Sapori, Robert Sabatino Lopez, Yves Renouard e Jacques Le Goff, firmou-se na historiografia econômica medieval. No Brasil, cabe menção às publicações do medievalista Jaime Estevão dos Reis que, adotando igualmente o conceito, tem estudado os manuais de mercadores produzidos neste contexto.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro, abordamos o autor da fonte de pesquisa, o mercador Benedetto Cotrugli (1416-1469), por meio de uma breve biografia. Discutimos a polêmica em torno da cultura do mercador medieval, iniciada por Henri Pirenne, em sua crítica a Werner Sombart, bem como o contexto de produção do *Livro da arte do comércio*.

No segundo capítulo, centralizamos a discussão no *Livro da arte do comércio* (1458). Identificamos suas características para inseri-lo em uma das categorias de manuais apontadas anteriormente. Destacamos os manuscritos e as edições impressas e sintetizamos, para melhor entendimento, o conteúdo.

No terceiro capítulo, buscamos analisar o conceito de imagem do mercador ideal presente no *Livro da arte do comércio*. Também, certas virtudes da alma que, segundo Benedetto Cotrugli, devem estar presentes na vida do mercador. Ainda, destacamos

características da moradia desse mercador e a maneira como ela refletia nas relações profissionais.

CAPÍTULO I – BENEDETTO COTRUGLI: UM MERCADOR DO SÉCULO XV

1.1 Benedetto Cotrugli: breve biografia

A partir dos anos finais do século XIII, os mercadores italianos assumiram uma posição de destaque no cenário comercial da Idade Média. Eles passaram a sistematizar regras de conduta da profissão, normatizando, além de técnicas e práticas comerciais, princípios morais. Nos séculos XIV e XV, constatou-se a existência de uma classe de mercadores-escritores nas Cidades-Repúblicas italianas. Dentre eles, destacamos Benedetto Cotrugli (1416-1469), que nasceu na República de Ragusa, atual Dubrovnik.

A família de Benedetto Cotrugli teve um papel importante no comércio da região de Ragusa no século XV, sendo Cotrugli um de seus membros mais ilustres, mercador, escritor e estudioso (PIOTROWICZ, 2013, p. 349). Sua família é originária de Kotor, mas, por volta de 1350, seu bisavô, Zivo Ktrulj, mudou-se para Ragusa, cidade na qual um de seus três filhos, Rusko, tornou-se membro da confraria de mercadores e comerciantes de Santo Antônio. Benedetto Cotrugli foi o terceiro dos oito filhos que nasceram de Nicoletta Ilic e Giacomo Cotrugli, um dos filhos de Rusko (juntamente com Giovanni e Nicola)[1].

O pai de Cotrugli era um ativo comerciante contratado em Agevin (Nápoles), onde a rainha Joana II o colocou no comando da Casa da Moeda. A família de Cotrugli importava trigo e outros cereais, sal e salitre do reino de Nápoles para Ragusa, e, principalmente, a lã pelos mais importantes portos da Europa. Assim, verifica-se que a família de Cotrugli emergiu de um rico segmento de mercadores daquela região.

Por volta do ano de 1430, depois de completar sua educação inicial em Ragusa, Cotrugli mudou-se para Itália e matriculou-se na Universidade de Bolonha, a mais antiga e distinta da Europa naqueles tempos, na qual estudou direito civil e canônico, juntamente com os estudos filosóficos que tanto amava. Em 1436, seu pai faleceu, o que o obrigou a voltar à sua cidade natal para administrar os negócios familiares. Nesse momento, tornou-se membro da confraria de Santo Antônio e, em 1444, casou-se com Nikoleta Dobric-Bozic, de outra família da mesma confraria. Quando Benedetto Cotrugli assumiu os negócios familiares, estes

[1] Veja: CARRARO, Carlo; FAVERO, Giovanni (Eds.). **Benedetto Cotrugli -** The Book of the Art of Trade. Translation by John Francis Phillimore. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2017. Essa edição em inglês é particularmente importante para nossa investigação, pois apresenta ensaios acadêmicos que contextualizam a vida e o trabalho de Benedetto Cotrugli; é a principal fonte na qual nos baseamos para construção das informações biográficas na presente dissertação.

se expandiram no ramo do comércio de lã. Presume-se que até Benedetto se casar estava viajando e aprendendo as técnicas comerciais e de navegação pelos portos e mares da Europa.

Destacamos que a atividade comercial de Cotrugli foi reconstruída a partir de estudos em arquivos realizados por Zdenka Janeković-Römer e que dizem respeito às décadas centrais do século XV, quando a extensão do Reino Aragonês abrangia da Catalunha ao sul da Itália e Atenas, mantendo relações privilegiadas com a República de Ragusa, considerada local estratégico para o tráfego comercial e para a hegemonia veneziana no Mediterrâneo oriental. Com seu porto estratégico, Ragusa era porta de acesso ao Oriente para bens comercializáveis, principalmente panos e mercadorias de lã.

Juntamente com seu irmão Michele, Benedetto Cotrugli negociava a lã catalã por Ragusa e Florença, de onde importava corantes. Essa rede comercial articulada pelos dois irmãos envolvia outros ragusanos, como Nikola e Sigsmund de Giorgi e a empresa mercantil dos Neroni, em Florença, cujo principal elo com Ragusa estava nas mãos de Giovanni, tio dos jovens mercadores Cotrugli.

Durante o ano de 1450, Benedetto e Michele decidiram dividir a empresa mercantil. Benedetto fez de Michele seu procurador para administrar e representar os negócios comerciais em Ragusa e mudou-se para Nápoles no ano seguinte. Seu estabelecimento em Nápoles foi possibilitado graças à proteção e ao patrocínio de Alfonso de Aragão, que sempre buscou reunir "homens de cultura", confiando-lhes cargos políticos e econômicos importantes. Cotrugli possuía perspicácia e conhecimentos filosóficos, jurídicos e comerciais que o possibilitavam empreender diversas missões diplomáticas em nome da corte. Seus estudos juvenis, seus contatos florentinos e culturais, bem como sua participação em eventos organizados pela *intelligentsia* da época foram basilares para que ele adquirisse tais conhecimentos. Desse modo, Cotrugli pôde respirar o ar intelectual italiano, muito diferente de sua cidade natal.

Com a morte de rei Alfonso, no verão de 1458, seu filho ilegítimo chamado Ferdinand (Ferrante) quis assumir o trono, opondo-se à rejeição do Papa Calixtus III, que morreu alguns meses depois, mas, em agosto do mesmo ano, o novo papa, Pio II, acabou por reconhecer a Ferrante a legitimidade do trono. Ferdinand nomeou Benedetto Cotrugli como seu embaixador em Ragusa e, posteriormente, em 1460, como chefe da Casa da Moeda, em Nápoles, posição que seu pai ocupou outrora. Manteve essa posição até 1468, quando assumiu o mesmo ofício na Casa da Moeda de L'Aquila, onde veio a falecer em 1469. Um dos seus filhos, Iacopo, sucedeu-o até 1474. Caterina, uma de suas filhas, casou-se em L'Aquila, e a outra, de nome Eleonora, em 1483, tornou-se freira no mosteiro de São Girolamo, em

Nápoles. Já o seu filho mais novo, Girolamo, permaneceu residindo em Ragusa (FAVERO, 2017, p. 12-15).

Quadro 1 - Estátua de Benedetto Cotrugli

Benedikt Kotruljević (Benedetto Cotrugli)
1
2
As imagens 1 e 2 representam a estátua de bronze produzida em memória a Benedetto Cotrugli pelo escultor croata Ante Despot (Šibenik 1919 - Zagreb 2007) (2007). Está localizada em Zagreb (Ulica Kneza Borne / Ulica Kneza Mislava), capital e maior cidade da Croácia. Na inscrição de bronze diz o seguinte: "HRVATSK EKONOMIST DUBROVČANIN BENEDIKT KOTRULJEVIĆ TRGOVAC, POLÍTICO, DIPLOMATA FILOZOF I PISAC 1400. - 1468. PRVI U SVIJETU OPOSAO SUSTAV DVOJNOG KNJIGOVODSTVA U KNJIZI 'O UMJEĆU TRGOVANJA' 1458. GODINE" ("Economista croata de Dubrovnik Benedikt Kotruljević comerciante, político, diplomata filósofo e escritor 1400. - 1468. Descreveu o primeiro sistema do mundo de escrituração de dupla entrada em seu livro "Sobre a arte do comércio 1458""). **Benedikt Kotruljević**.

Fonte: Statue... (2007, *on-line*).

Benedetto Cotrugli foi, provavelmente, autor de quatro obras, sendo duas concretamente conhecidas por chegarem aos nossos dias no formato de manuscritos e

pioneiras impressões. Primeiramente, cabe destacar que existe apenas a hipótese de que Cotrugli escreveu o livro denominado *Della nature del fiori* (1460)[2], que é citado em um repertório biobibliográfico no vernáculo italiano, contendo, como o próprio nome diz, assuntos sobre a natureza das flores.

Outro livro, de existência comprovada, foi escrito antes de 1458 e é citado pelo autor na abertura do *Capitulo VI* do *Libro IV* da obra *Livro da arte do comércio*, denominado *Della muliere* (*De Uxore Ducenta*), tratando de assuntos "sobre a esposa". Cotrugli dedicou-o ao compatriota nobre e parceiro de negócios Volce de Baballi (no croata Vuk Vlahov Bobaljević), que era um homem instruído, escritor de versos em latim, nomeados *Volcius Blasii de Bobalio*.

Apesar de dedicá-lo a Volce de Baballi, foi uma produção estratégica, pois o *De Uxore Ducenta* legitima sua ascensão à corte de Alfonso, devido ao fato de a língua usada para escrevê-lo ser o latim[3], considerado símbolo de erudição entre os intelectuais da época. Assim, essa obra pode ser vista como o preço que Cotrugli precisou pagar para fazer parte da nobreza napolitana. Portanto, naquele momento, Benedetto Cotrugli escolheu (e, na verdade, sentiu-se um pouco obrigado pelas imposições dos intelectuais da época) escrever uma obra em latim antes de legitimar seu espaço, mostrando que estava no mesmo "nível" dos demais (ZANATO, 2017, p. 181-182).

Uma de suas obras concretamente conhecida é um manual sobre a navegação, denominado *De navigatione* (1464), escrito no vernáculo italiano e dedicado ao Senado. Nele, o autor estabelece uma "ciência" própria da navegação, misturando e alternando noções práticas adquiridas pela experiência dos navegantes com noções filosóficas e morais[4].

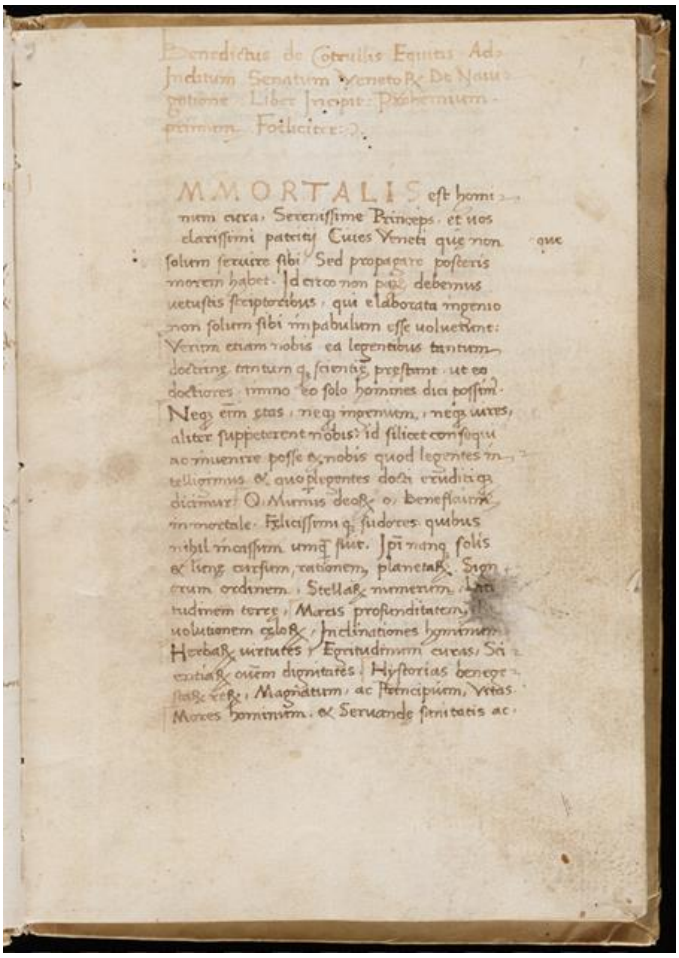
---

[2] De acordo com o testemunho do jesuíta Daniele Farlato, que pode ser consultado na seguinte obra: FALCHETTA, Piero. Il trattato De navigatione di Benedetto Cotrugli (1464-65). Edizione commentata del ms. Schoenberg 473 con il testo del ms. 557 di Yale. **Studi Veneziani**, 2009. p. 24.

[3] No *Livro da arte do comércio*, Benedetto Cotrugli retoma essa obra no vernáculo, língua acessível para aqueles que não estudaram o latim, mostrando que ele também era veículo digno de cultura.

[4] *De navigatione* é o primeiro manual de navegação (manuscrito) conhecido, publicado em 1464, que é quase três décadas anterior à primeira viagem de C. Colombo ao Novo Mundo. Ele se encontra, hoje, na Biblioteca da Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Está disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://brbl-dl.library.yale.edu/vufind/Record/3433876>. Outro manuscrito é mantido na coleção particular de Lawrence J. Schoenberg. É, ainda, citado um terceiro manuscrito na biblioteca "Angelo Mai", em Bergano (FAVERO, 2017, p. 15-16).

Figura 1[5] – Página inicial do prefácio em latim do manual *De navigatione*



Fonte: *De navigatione* (*on-line*).

A segunda obra literária conhecida de Cotrugli é um manual sobre o comércio e denomina-se *Livro da arte do comércio*, também escrito em vernáculo, no ano de 1458. Nesse momento, como embaixador de Ferdinand em Ragusa, Benedetto Cotrugli viu-se, refugiando-se da Peste Negra que assolara Nápoles, forçado a fugir temporariamente para o Castelo de Serpico, onde escreveu essa obra. Ele dedicou esse livro ao seu cunhado e mercador Francesco di Stefano e a todos os mercadores que, segundo ele, querem ganhar dinheiro de maneira honrada e honesta, sem ofender a Deus e ao próximo (COTRUGLI, 2017, p. 24). Então, observa-se que o papel de Cotrugli extrapolava as barreiras da profissão de mercador, embarcando, também, no caminho literário e no de estudos filosóficos característicos do Humanismo.

O livro *De navigatione* e o *Livro da arte do comércio* são frutos desse humanismo vernáculo surgido no contexto toscano-napolitano. Cotrugli combinou seus conhecimentos

[5] Imagem de caráter ilustrativo do manuscrito *De navigatione*, que se encontra, atualmente, na Biblioteca da Universidade de Yale, nos Estados Unidos.

teóricos adquiridos na universidade com seus conhecimentos práticos e, apesar de se sentir obrigado a abandonar o ambiente intelectual da universidade, apreciou cada vez mais a arte do comércio e da navegação. Encontrou caminhos para fazer florescer, concomitantemente, a prática e a teoria, dignificando seu trabalho entre as artes "mecânicas". Levou o latim àqueles que não conheciam, legitimou o vernáculo, o que culminou em um duplo desfecho:

> [...] trazer um grau de cultura 'nobre' aos que não tinham meios de familiarizar-se com ela, um processo descendente, portanto, de cima para baixo, e, ao mesmo tempo, fermentando o mundo intelectual da elite com uma nova gama de conhecimentos, não mais considerados básicos ou inferiores, enriquecendo o jardim seco dos *literati* com um novo fluxo vital extraído do artesanato e das profissões, o processo desta vez trabalhando na direção oposta[6] (ZANATO, 2017, p. 211).

Segundo Tiziano Zanato (2017), na análise dos manuscritos, é visível que a linguística que os envolve está articulada ao latim e à língua materna. Ambos se misturam continuamente no decorrer das citações e no nível lexical, superabundando neologismos latinistas. Esse fato faz com que a circulação dos manuscritos seja limitada e restrita a um público elitista, às principais e ricas famílias mercantis, aos oficiais navais e aos humanistas que possuíam certo grau de instrução nas duas línguas. Isso ocorreu até o surgimento da imprensa e as primeiras edições no século XVI, como aconteceu com o *Livro da arte do comércio*, o que possibilitou a um público mais amplo entrar em contato com tais escritos.

Em síntese, Benedetto Cotrugli é ragusano por nascimento, veneziano e bolonhês devido à sua educação, catalão, francês e florentino em virtude das diversas praças comerciais em que teve a oportunidade de praticar o comércio, bem como napolitano aragonês, pela sua escolha cultural. Integrado em um amplo contexto, ele foi um verdadeiro *homo europaeus* (ZANATO, 2017, p. 211).

[6] No original: "[…] bring a degree of 'noble' culture to those who had no means of familiarising themselves with it, a descending process therefore, from above to below, and at the same time leaven the rather arid intellectual world of the elite with a new range of knowledge, no longer considered base or inferior, enriching the dry garden of the *literati* with a vital new stream drawn from the crafts and the professions, the process this time working in the opposite direction" (ZANATO, 2017, p. 211).

1.2 Os manuais de mercadores medievais: aspectos de uma polêmica

Em seu pioneiro artigo, denominado *L'instruction des marchands au moyen âge*, publicado no ano de 1929, na primeira edição da revista *Annales d'histoire économique et sociale,* Henri Pirenne (1862-1935) salienta que a instrução dos mercadores medievais deve ser analisada de acordo com o movimento comercial evidenciado no ambiente citadino, pois os mercadores faziam parte e contribuíam de maneira promissora para o desenvolvimento intelectual daqueles tempos. A tese de Werner Sombart (1863-1941)[7], de que até os fins da Idade Média o comércio era escasso e as técnicas meramente rudimentares, não explica a existência de cidades e indústrias artesanais na Idade Média (PIRENNE, 1929).

Armando Sapori (1970) afirma que foi por meio de vieses anacrônicos que Sombart, no início do século XX, estabeleceu um padrão de desenvolvimento geral para todo o Ocidente medieval, não levando em consideração as especificidades de cada local e grupo de indivíduos. Ao contrário, os níveis de desenvolvimento de cada região divergiam grandemente. Além das possibilidades econômicas e das características culturais, haviam questões geográficas que influenciavam muito o desenvolvimento dessas regiões durante a Idade Média.

Segundo Henri Pirenne,

> Chegou-se a dizer que o tipo normal do mercador da Idade Média é o pequeno negociante, unicamente preocupado em prover à própria subsistência e livre do afã de lucrar ou, se se quiser, da ambição de riqueza. É fora de dúvida que a pequena burguesia das cidades possui, em quantidade, elementos deste gênero. Mas seria fazer uma verdadeira caricatura dos exportadores e dos banqueiros cuja ação se acaba de descrever, amesquinhá-los a ponto de compará-los com aqueles. Para negar a importância e a influência do capitalismo comercial desde o princípio do renascimento econômico, é preciso estar obcecado por uma teoria pré-concebida a ponto de não perceber mais a realidade.
> Além disso, é certo que o capitalismo e o grande comércio, que foi a um tempo causa e efeito daquele, não apareceram na mesma data, em todos os países, nem se desenvolveram em todas as partes com o mesmo vigor. A esse respeito, a Alemanha de além Reno está certamente atrasada em relação à Europa Ocidental e, particularmente, com a Itália. Talvez por não terem levado em consideração este ponto, muitos sábios alemães estenderam imprudentemente a todos os povos conclusões que se fundavam, pelo menos em parte, no que observaram no passado do seu próprio povo. O interesse de seus trabalhos impôs tais conclusões, enquanto não se observou que bastava, para corrigir o excesso, aplicar os seus métodos aos países cujo progresso

[7] Primeiro volume da obra: SOMBART, Werner. **Der Moderne Kapitalismus.** Leipzig: Verlag von Duncker & Humblot, 1902. Disponível em: <https://visuallibrary.net/ihd/content/pageview/307670?query=Sombart>. Acesso em: 04 nov. 2018.

> fora mais rápido do que o da Alemanha e nos quais a economia medieval se manifestara de maneira mais completa (PIRENNE, 1982, p. 162).

Para Werner Sombart (1902), o mercador medieval não era somente "inculto", mas também iletrado, possuía mentalidade de artesão, uma limitada atividade comercial, vivia modestamente e bastava-lhe o necessário à subsistência[8].

Contra essa tese, Henri Pirenne afirma que nenhuma atenção foi dada ao estudo do nível de educação dos mercadores medievais e da natureza da instrução que recebiam até 1929. Os negócios desses mercadores, a partir dos séculos XII e XIII, são demasiadamente extensos para eles serem considerados pessoas analfabetas, sem qualquer nível de instrução. A concepção de Werner Sombart não explica a existência dos diversos tipos de mercadores medievais[9].

Para o desenvolvimento de uma cultura voltada ao laicismo, o papel do mercador foi de especial relevância, pois era ele que, ante as necessidades impostas pela profissão, visava ao útil, ao concreto e ao racional. A vontade desses mercadores era realizada devido ao dinheiro que acumulavam em seus trâmites comerciais, o que, consequentemente, viabilizava diversos empreendimentos e aspirações na sociedade (LE GOFF, 1991, p. 103-104).

Os clérigos, já no século XI, ajudavam, mesmo que indiretamente, no desenvolvimento comercial. Devido aos conhecimentos do latim e da escrita, muitos deles participavam do controle das contas e cuidavam das correspondências dos comerciantes; não sem razão, no desenvolvimento das línguas europeias, a palavra "clérigo" também passou a nomear um funcionário (PIRENNE, 1929, p. 20).

O latim era, de fato, a língua oficial dos negócios no ambiente medieval, língua clerical e, consequentemente, a primeira língua adotada pelos comerciantes. A educação inicial dessa língua era recebida em escolas monacais ou catedralícias. Existiam, no entanto, inconvenientes nesse modelo de aprendizagem, uma vez que os jovens filhos dos mercadores sofriam influências do meio eclesiástico. Henri Pirenne menciona o caso do filho de um mercador da cidade belga de Huy, que seguiu a carreira religiosa ao invés de se dedicar à atividade da família, ou seja, o comércio (PIRENNE, 1929, p. 20).

---

[8] Veja: SAPORI, Armando. **La cultura del mercante medievale italiano**. Disponível em: <http://www.rmoa.unina.it/2576/1/6Airaldi2b.pdf>. Acesso em: 24 out. 2018.

[9] Sobre a tipologia dos mercadores medievais, conferir as seguintes obras: MONNET, Pierre. Mercadores. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário analítico do Ocidente medieval:** volume II. Tradução coordenada por Hilário Franco Júnior. São Paulo: Editora Unesp, 2017. p. 208-223. LE GOFF, Jacques. **Mercadores e Banqueiros da Idade Média**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Já no século XII, mercadores mais abastados preferiam educar seus filhos no ambiente doméstico, contratando um preceptor clérigo que trabalhava a troco de um salário. Dessa maneira, o ensino poderia ser adaptado às necessidades do comerciante. De acordo com Yves Renouard (1973), quando as aglomerações de mercadores, comerciantes, artesãos e demais indivíduos começaram a gerir nova vida às cidades medievais, a necessidade de uma formação mais voltada ao estilo de vida dos mercadores e a suas necessidades práticas tornou-se cada vez mais necessária: "Os homens de negócios precisam ser capazes de ler, escrever contar, falar línguas estrangeiras, o francês em particular, que é a língua internacional, a do Oriente Médio e do Ocidente, onde eles vão negociar" [10] (RENOUARD, 1973, p. 113).

As autoridades municipais não ficaram indiferentes às transformações, pois os homens de negócios, a partir do início do século XIII, eram influentes na política citadina. Em regiões como Flandres, por exemplo, fundaram escolas públicas para seus filhos. Isso gerou incompatibilidades com a educação eclesiástica, porque a Igreja não tinha muito interesse em adaptar o seu programa de ensino às práticas exigidas no mundo comercial.

> O futuro mercador, posto na escola com a idade de 7 anos, aprendia a ler e a escrever durante dois a três anos, depois abordava o cálculo através de exercícios práticos elementares realizados com o auxílio do ábaco e se iniciava na manipulação das tabelas para as operações mais complexas de juros simples ou compostos; enfim, se ele não começava seu aprendizado na loja paterna, na de um camarada, às vezes no estrangeiro, numa sucursal ou em casa de conhecidos, para quem prestava serviços, ele se aperfeiçoava nos problemas contábeis da vida cotidiana nas cidades que dispunham de estabelecimentos especializados (LE MENÉ, 1979, p. 95).

Além disso, na segunda metade do século XIII, o latim não era mais a única língua ensinada nessas escolas laicas, o vernáculo estava ganhando espaço e importância no mundo dos negócios e na vida literária dos jovens (PIRENNE, 1929). Nos finais do século XV, essa educação abrangia o básico da leitura; assim, os jovens escreviam no vernáculo da Toscana e treinavam no ábaco (REINERT; FREDONA, 2017).

Portanto, toda essa vontade e espírito empreendedor exigiu-lhes uma instrução adequada. Encontraram-na, primeiramente, na Igreja e nos clérigos aos seus serviços e, depois, nas instituições leigas seculares.

[10] No original: "Gli uomini d'affari hanno bisogno di saper leggere, scrivere contare, parlare lingue straniere, il francese in particolare che è la lingue internazionale, quella dell'Oriente latino come dell'Occidente dove si va a comerciare" (RENOUARD, 1973, p. 113).

Ao contrário, Werner Sombart (1902)[11] declarou que os mercadores italianos da Idade Média não tinham nenhum talento e dom para escrita nem para manter suas contas em dia. Estavam sempre com as mãos manchadas de tinta, devido ao despreparo para lidarem com a caneta. Para os padrões da época, um comerciante minimamente instruído era aquele que mantinha anotações confusas e desorganizadas, comparadas aos nós que os camponeses faziam em seus lenços ao irem para os mercados. Os livros de anotações, quando existiam, eram mantidos obscuramente, cheios de rabiscos indissociáveis; ninguém conseguia entender o que eles queriam dizer, exceto aquele que o elaborou. Portanto, não existem registros que demonstram um princípio de racionalidade necessário ao desenvolvimento das atividades econômicas (SOMBART, 1902).

Todavia, ao contrário do que afirma Werner Sombart (1902), os documentos revelam que todos os que sabiam escrever procuravam manter a memória de seus negócios. Os mercadores possuíam convicção da importância dos cálculos e dos instrumentos contábeis para o bom andamento dos negócios. O sucesso do empreendimento dependia do controle. Deriva daí o desenvolvimento de uma cultura mercantil e financeira adequada às necessidades desse grupo social.

O resultado da consciência econômica dos mercadores e do princípio de racionalidade aplicado ao mundo dos negócios é a grande variedade de fontes encontradas, como os arquivos de companhias de comércio, livros contábeis e de registro. Um, em particular, é bastante ilustrativo, trata-se do livro de regras escrito pelo escritor genovês Messer Pace de Certaldo, que ditava como deveriam ser formuladas as redações (SAPORI, 1970, p. 29).

Armando Sapori (1970) não nega o baixo nível de educação na região da Alemanha na Idade Média; ele foi descrito por Werner Sombart (1902), mas não pode ser aplicado à região italiana, onde ocorria o inverso, principalmente na aprendizagem da aritmética. O tratado de Francesco Balducci Pegolotti, por exemplo, mostra dados cuidadosos e precisos sobre os cálculos e a sua complexidade[12]. Em sua crítica, Werner Sombart (1902) não tomou o cuidado

---

[11] Veja: SOMBART, Werner. II – Der Händler. In: SOMBART, Werner. **Der Moderne Kapitalismus**. Leipzig: Verlag von Duncker & Humblot, 1902, p. 174-180. Disponível em: <https://visuallibrary.net/ihd/content/pageview/307670?query=Sombart>. Acesso em: 04 nov. 2018.

[12] O manual de Francesco Balducci Pegoloti pode ser encontrado no seguinte endereço eletrônico: PEGOLOTTI, Francesco Balducci. **La Pratica Della Mercatura**. The Mediaeval Academy Of America. Cambridge, Massachusetts, 1936. Disponível em: <https://cdn.ymaws.com/www.medievalacademy.org/resource/resmgr/maa_books_online/evans_0024_bkmrkdpdf.pdf>. Acesso em: 03 out. 2018. Ver também: REIS, Jaime Estevão dos. Os manuais de mercadores da Idade Média: uma análise comparada do *Zibaldone da Canal* e o *La pratica della mercatura*. **Revista de história comparada**, Rio de Janeiro, v. 9, n 1, 2015. p. 43-68. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/2350/1978>. Acesso em: 26 ago. 2019.

de fazer uma pesquisa aprofundada nas fontes escritas dos mercadores medievais. Elas são abundantes em vários arquivos italianos, por exemplo, os florentinos.

Certamente, foi criada uma verdadeira cultura mercantil e financeira memorizada nos escritos comerciais da Idade Média. Os diversos arquivos de mercadores são a prova concreta desse conhecimento. Dentre tantos testemunhos, destacamos os manuais de mercadores produzidos, em sua maioria, no ambiente toscano e napolitano. Citamos, como exemplo, os manuais escritos por Benedetto Cotrugli, autor do *Livro da arte do comércio,* que serve de base a esta dissertação.

Esses manuais, voltados para as práticas comerciais internacionais, ganharam popularidade entre os séculos XIV e XV. Todavia, segundo Jaime Estevão dos Reis, existem, pelo menos, dois manuais anteriores ao século XIII:

> O primeiro deles e o mais antigo manual de mercador que se tem notícia foi escrito por um autor árabe Abu al-Fadhl al-Dimishqi, intitula-se *Le livre relatif aux beautés du commerce et à la connaissance des bonnes et mauvaises marchandises et des falsifications (que) les trompeurs (commettent) sur eles*[13]. A época da composição é incerta. André E. Sayous acredita que tenha sido entre os séculos XI e XII, na Síria. Robert S. Lopez indica o estudo de C. Cahen, de 1962, que diz que o manual foi redigido no século V da Hégira ou século XI da Era Cristã.
> [...]
> Um segundo manual data do século XII e foi redigido pelo inspetor de comércio chinês Chau Ju-kua com o título *Chu-fan-chi*, que integra uma obra maior, *A description of barbarous peoples* ou *Records of foreign nations,* do mesmo autor (REIS, 2015, p. 45-46).

Esses manuais são extremamente ricos em informações acerca do mundo comercial da Idade Média. Eles tratam de assuntos variados. Assim, podemos encontrar informações sobre a geografia dos lugares, as rotas comerciais, as distâncias entre portos e praças de comércio, as moedas, os pesos e as medidas locais, as listas de especiarias, os preceitos religiosos, as fórmulas terapêuticas, as farmacêuticas, os princípios místicos e morais, os direitos e as tarifas, os custos de transporte, dentre outras. Eles fazem parte de um gênero literário que se difundiu no contexto da "Revolução Comercial da Idade Média" a partir do século XIII. Os principais autores dessas obras

> [...] foram mercadores ou representantes comerciais vinculados, em sua maioria, às grandes companhias de comércio, sobretudo as das Repúblicas

[13] Literalmente: "O livro relativo às belezas do comércio e ao conhecimento das mercadorias boas e ruins e das falsificações que os trapaceiros fazem nelas".

> Italianas de Veneza, Florença, Gênova e Pisa, que controlavam a quase totalidade das rotas de comércio (REIS, 2015, p. 64-65).

Inclusive, a eficácia de um comércio cada vez mais longínquo ocorreu, principalmente, devido às variadas e ricas informações encontradas nesses manuais, o que revela a complexidade do comércio na Baixa Idade Média (CAUNEDO DEL POTRO, 2011, p. 804).

1.3 O contexto de produção dos manuais de mercadores medievais: a "Revolução Comercial da Idade Média"

No tópico anterior, estudamos a polêmica relativa ao nível de instrução dos mercadores medievais. Diante disso, é importante demonstrar o contexto da "Revolução Comercial da Idade Média" que possibilitou a elaboração de tais testemunhos essenciais para a compreensão não só da ação desses homens de negócios vinculados às grandes companhias comerciais, mas também da sua formação educacional e da sua cultura.

Primeiramente, para o entendimento do termo "Revolução Comercial da Idade Média", destacamos que, quando falamos em "revolução", logo vem à nossa mente o seu significado na linguagem do senso comum: uma gama de variados acontecimentos que designa modificações profundas nas estruturas da sociedade em um determinado momento da história. Revolução é um conceito instigante, que traz muitos significados e definições intrínsecas de acordo com suas especificidades e usos, pois "um conceito relaciona-se sempre àquilo que se quer compreender, sendo, portanto, a relação entre o conceito e o conteúdo a ser compreendido, ou tornado inteligível, uma relação necessariamente tensa" (KOSELLECK, 1992, p. 136).

Segundo Crane Brinton,

> REVOLUÇÃO é uma palavra elástica. A grande Revolução Francesa, a Revolução Americana, a Revolução Industrial, uma revolução em Honduras, revolução social, revolução na mentalidade de um povo, ou na moda feminina, ou na indústria automobilística – a lista seria quase infinita [...].
> O têrmo *revolução* perturba os estudiosos, não apenas por causa da sua elasticidade na linguagem popular, mas também pela sua riqueza de conteúdo emocional. Qualquer trabalho completo sôbre a sociologia da revolução em nosso mundo ocidental [...] teria que levar em conta a maneira pela qual diferentes grupos em diferentes épocas e lugares foram atingidos

> pelas complexas associações dos têrmos *revolução* e *revolucionário* (BRINTON, 1958, p. 25-26).

Dessa forma, o uso de um conceito encontra-se articulado a todo contexto, podendo atuar sobre ele, tornando-o compreensível, ou seja, o apropriado uso de um conceito dentro de um contexto faz a análise ser mais instigante e nos ajuda a refletir sobre os sentidos que queremos dar a determinados acontecimentos. Mesmo que a maneira como é escrito/falado um conceito não mude, o seu conteúdo pode alterar de maneira substancial, pois depende da forma como se aplica em determinado momento histórico (KOSELLECK, 1992).

Para datarmos o nascimento efetivo de determinados acontecimentos históricos, por exemplo, as revoluções políticas, uma maneira é descobrir quando a palavra foi empregada pela primeira vez nesse sentido e, a partir dessa premissa, vinculá-la ao fenômeno (ARENDT, 2011). Em termos políticos, quando pensamos no conceito de revolução, vê-se que ele apareceu muito recentemente. Não era conhecido na Antiguidade por filósofos gregos, como Platão e Aristóteles, cuja sucessão governamental, em suas variadas formas, baseava-se em sequências cíclicas e modificações na composição dos governantes, e não em alterações abruptas de âmbito social e econômico:

> Embora Aristóteles tivesse plena consciência da oposição que existia entre os interesses dos ricos e dos pobres, jamais chegou a conceber e a afirmar a possibilidade de uma convulsão capaz de instaurar a idade de ouro da liberdade ou de constituir um avanço decisivo na história das relações políticas entre homens organizados em comunidades (PASQUINO, 2010, p. 1123).

O conceito era também desconhecido entre os escritores romanos, tais como Políbio e Tácito, que se interessavam pela "análise comparada das mudanças rápidas e violentas que respeitam só às autoridades políticas, não envolvem as massas, não abalam as relações socioeconômicas e correspondem, portanto, à designação de golpe de Estado" (PASQUINO, 2010, p. 1123). Esse conceito também não apareceu entre os pensadores políticos da Itália renascentista. Nicolau Maquiavel, por exemplo, estudioso e apaixonado por reviver a Antiguidade Clássica, não refletiu sobre essa questão em seus argumentos acerca do poder do príncipe.

A palavra revolução foi criada na Renascença. Com um sentido totalmente diferente, referia-se ao movimento dos astros:

> [...] originalmente, era um termo astronômico que ganhou importância nas ciências naturais graças a *De revolutionibus orbium coelestium*, de Copérnico[14]. Nesse uso científico, ela manteve seu significado latino exato, designando o movimento regular e necessário dos astros em suas órbitas, o qual, por estar sabidamente fora do alcance do homem e sendo por isso irresistível, certamente não se caracterizava pela novidade nem pela violência (ARENDT, 2011, p. 72).

Nesse sentido, o termo revolução referia-se à movimentação lenta, regular e cíclica das estrelas, como o próprio Nicolau Copérnico argumenta na seguinte passagem da obra *As Revoluções dos orbes celestes*:

> Assim, aproveitei, desde logo a oportunidade e comecei também eu a especular acerca da mobilidade da Terra. E embora a ideia parecesse absurda, contudo, porque eu sabia que a outros antes de mim fora concedida a liberdade de imaginar os círculos que quisessem para explicar os fenómenos celestes, pensei que também me fosse facilmente permitido experimentar se, uma vez admitido algum movimento da Terra, poderia encontrar demonstrações mais seguras do que as deles para as revoluções das esferas celestes.
> E deste modo, admitindo os movimentos que eu à Terra atribuo na obra infra, com perguntas e longas observações, descobri que, se estabelecermos relação entre a rotação da Terra e os movimentos dos restantes astros, e os calcularmos em conformidade com a revolução de cada um deles, não só se hão-de deduzir daí os seus fenómenos mas até se hão-de interligar as ordens e grandezas de toda as esferas e astros assim como o próprio céu, de modo que, em parte nenhuma, nada de si se possa deslocar sem a confusão das restantes partes e de toda a universalidade (COPÉRNICO, 1996, p. 9).

Quando tal termo era usado para os assuntos terrenos, referia-se às poucas formas conhecidas de governo que se repetiam em um ciclo eterno, assim como os astros no céu. Dessa forma, aparece na sociedade como

> [...] uma metáfora, transmitindo a ideia de um movimento eterno, irresistível e sempre recorrente, a ser aplicada aos movimentos imprevistos, às oscilações do destino humano, que foram comparadas ao nascer e ao pôr do sol, às fases da lua e das estrelas desde tempos imemoriáveis (ARENDT, 2011, p. 73).

[14] "Revolução dos orbes celestes**,** (*De revolutionibus orbium coelestium*), obra fundamental de Nicolau Copérnico em que defendeu seu modelo Heliocêntrico de cosmo refazendo os cálculos de Cláudio Ptolomeu (c.100-c.178), válidos desde a Antigüidade, mostrando serem seus cálculos mais corretos como explicação dos fenômenos astronômicos. Referiu-se a concepções de um sistema solar, já conhecidas dos gregos desde Aristarco de Samos, contrapondo-se ao modelo geocêntrico tradicionalmente aceito. Sua obra revolucionou, assim, a moderna física e a astronomia, abrindo caminho para o desenvolvimento das teorias de Galileu e Newton e causando um profundo impacto na forma de o homem moderno conceber o universo e seu lugar nele. Receoso das repercussões de sua obra, divulgou primeiro uma versão inicial sintetizada, o *Commentariolus* de 1512, posteriormente publicou uma nova versão, a *Narratio prima* (1540), sendo seu tratado publicado apenas postumamente em 1543" (JAPIASÚ; MARCONDES, 2001, p. 167).

No século XVII, essa palavra era usada pela primeira vez para designar um termo político, indicando o retorno a uma ordem anterior que foi perturbada, como exemplo, tem-se a Revolução Inglesa (1688-1689), representando o fim de um longo período marcado pela guerra civil e pelo retorno da monarquia, ou seja, ela não foi utilizada quando Cromwell instaurou a primeira ditadura revolucionária na Inglaterra, mas foi em 1660, logo depois da derrubada do Parlamento Residual e da restauração da monarquia. Todavia, foi durante a Revolução Francesa (1789) que se observou uma compreensão nova na definição do termo revolução:

> [...] da mera restauração de uma ordem perturbada pelas autoridades, se passa à fé na possibilidade da criação de uma *ordem nova*; da busca da velha liberdade nas instituições se passa à criação de novos instrumentos de liberdade; enfim, é a razão que se ergue contra a tradição ao legislar uma constituição que assegurasse não só a liberdade, mas trouxe também a felicidade ao povo (PASQUINO, 2010, p. 1123).

Nesse momento, o sentido de revolução ganha uma amplitude que não se aplica apenas à transformação da sociedade e do Estado, mas também ao próprio homem (SOUSA, 1998, p. 46). Portanto, o conceito moderno de revolução empregado dentro da análise política era desconhecido até os finais do século XVIII, quando passou a ser indissociavelmente ligado a fenômenos no curso da história que indicam um desenrolar totalmente renovado e abrupto de acontecimentos, sendo estes violentos, com vista a desenvolver um ordenamento governamental liberto de opressão e alicerçado pela liberdade e pela felicidade (ARENDT, 2011).

Gianfranco Pasquino conclui que é com Karl Marx, no século XIX, que a palavra revolução ganha uma concepção mais ampla[15]:

[15] Karl Marx, juntamente com Friedrich Engels, influenciou pensadores durante todo século XX, fazendo desembocar suas ideias em diversas ramificações, cujo campo de debate sobre as causas das revoluções políticas é vasto e complexo, e não pretendemos aprofundar tais designações no presente trabalho. Contudo, hoje em dia, verifica-se que mudanças abruptas nas estruturas políticas e socioeconômicas podem não gerar resultados totalmente positivos. Essa crise resulta do cotejo existente entre a democracia política, a igualdade social e o desenvolvimento econômico que vários países puderam vislumbrar sem mudanças revolucionárias, ao contrário do que acontecera em muitos outros durante o século XX. Isso ocorre também porque, hoje, dada a complexidade dos mecanismos funcionais da sociedade, uma desagregação global revolucionária causaria a dificuldade ainda maior de melhoramentos. Para suprir as necessidades da sociedade, mudanças graduais, apesar de ainda existir o perigo de revoluções iminentes, parecem ser as melhores vias para transformar a sociedade sem perturbações desagradáveis, pois os excessos e insucessos de muitas revoluções acarretaram a tomada de consciência da população sobre a violência causada ao longo da história (PASQUINO, 2010).

> Ela surgirá não só como instrumento essencial para a conquista da liberdade, identificada com o fim da exploração do homem pelo homem e, por conseqüência, com a possibilidade de vencer a pobreza, mas também como meio de conseguir a igualdade, posta na justiça social, e de o homem desenvolver plenamente as suas potencialidades criadoras. É Marx, afinal, quem, fundindo perfeitamente os dois elementos acentuados pelos iluministas – liberdade e felicidade – apresenta a perspectiva da sua consecução simultânea pela libertação do homem produtor. Desde então a Revolução despontará como panacéia dos males de qualquer sociedade e atuará como símbolo poderoso e como estímulo na vitória sobre a opressão e sobre a escassez de recursos (PASQUINO, 2010, p. 1123-1124).

A historiografia costuma trabalhar de forma mais recorrente com o conceito político de revolução, que inclui também as mudanças econômicas, sociais e culturais[16]. Todavia, não existe somente o viés preponderantemente político aplicado ao termo. Revolução é uma palavra elástica, como demonstramos anteriormente. Desse modo, de maneira adequada, podemos aplicá-la a diversas áreas e temporalidades da vida humana; existe todo um campo de estudo sobre as revoluções tecnológicas e comerciais, por exemplo.

Ernest Mandel, em sua obra *O capitalismo tardio* (1982), afirma que, na Revolução Tecnológica, ocorrem mudanças radicais e qualitativas na base técnica do sistema produtivo de uma sociedade. Além disso, tais mudanças vêm acompanhadas de modificações profundas nos segmentos e estratos sociais, bem como nas estruturas políticas e jurídicas (SANDRONI, 1999, p. 531).

Paulo Singer destaca que, para Ernest Mandel, existiram, pelo menos, três revoluções tecnológicas:

> Ele distingue também a Revolução Industrial original, em fins do século XVIII, à qual se seguiram três revoluções tecnológicas: a primeira, iniciada em 1848, proporcionou a produção de motores a vapor por meio de máquinas; a segunda, iniciada em 1896, levou ao desenvolvimento e aplicação do motor elétrico e do motor a explosão; e a terceira, iniciada em 1940 nos EUA e em 1945 nos demais países imperialistas, produziu a regulagem de máquinas por aparelhos eletrônicos (automação) e a energia nuclear (SINGER, 1982, p. X).

No entanto vários historiadores se questionam sobre quantas e quais revoluções tecnológicas aconteceram ao longo da história. Apesar desse questionamento por parte de alguns, os quais postulam que são evoluções técnicas[17], muitos costumam aceitar melhor o

[16] Veja: SOUSA, José Pedro Galvão de. **Dicionário de política**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.
[17] Veja: YOUNG, Robert M. Revolução Científica e Tecnológica. In: BOTTOMORE, Tom (Ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 327.

conceito quando se trata da Revolução Industrial. Podemos citar o exemplo de Eric John Hobsbawm:

> Esta revolução transformou, e continua a transformar, o mundo inteiro. Mas ao considerá-la devemos distinguir cuidadosamente entre os seus resultados de longo alcance, que não podem ser limitados a qualquer estrutura social, organização política ou distribuição de poder e recursos internacionais, e sua fase inicial e decisiva, que estava intimamente ligada a uma situação internacional e social específica. A grande revolução de 1789-1848 foi o triunfo não da "indústria" como tal, mas da indústria capitalista; não da liberdade e da igualdade em geral, mas da classe média ou da sociedade "burguesa" liberal; não da "economia moderna" ou do "Estado moderno", mas das economias e Estados em uma determinada região geográfica do mundo (parte da Europa e alguns trechos da América do Norte), cujo centro eram os Estados rivais e vizinhos da Grã-Bretanha e França. A transformação de 1789-1848 é essencialmente o levante gêmeo que se deu naqueles dois países e que dali se propagou por todo o mundo (HOBSBAWM, 2012, p. 20).

Destarte, para o autor, a Revolução Industrial provocou um poder produtivo sem precedentes na história. Por meio de grandes parâmetros de análise, tal autor salienta que existiu uma “Era das Revoluções”, entre 1789 e 1848, período que diz respeito ao intervalo entre a Revolução Francesa e a Revolução de 1848. Dentro desse grande espaço de tempo, ocorreram mudanças em níveis antes nunca vistos na vida econômica e social da Europa ocidental, mudando os rumos da humanidade, por meio da indústria capitalista e da burguesia.

Jean Gimpel, contudo, na obra *A Revolução Industrial da Idade Média* (1976), argumenta que, antes dessa revolução industrial iniciada no século XVIII, e mesmo antes do Renascimento Italiano, a Europa viveu uma revolução tecnológica, que, muitas vezes, é ignorada pelos pesquisadores contemporâneos:

> Do século XI ao século XIII, a Europa ocidental conheceu um período de intensa actividade tecnológica, e essa foi uma das épocas da história dos homens mais fecundas em invenções. Essa época deveria ter-se chamado “a primeira revolução industrial”, se a revolução inglesa dos séculos XVIII e XIX não tivesse já sido contemplada com o mesmo título (GIMPEL, 1976, p. 5-6).

Diante dessa complexidade, não podemos colocar nos mesmos parâmetros de análise uma revolução política e uma revolução tecnológica e/ou comercial, pois esta não pode ser vistas de maneira tão nítida e impactante a curto prazo e não tem uma data precisa de início e fim. Robert S. Lopez cita um exemplo que esclarece as implicações contidas nessas duas perspectivas:

> A Declaração de Independência e a *Riqueza das Nações* de Adam Smith são ambas de 1776; mas enquanto ninguém põe em dúvida que a Revolução Americana eclodiu em 1776, atingindo os seus fins por volta de 1783, seria impossível estabelecer uma data inicial e final para a Revolução Industrial e absurdo pensar que ela pudesse produzir uma mudança radical em menos de dez anos. O mesmo se pode dizer da Revolução Comercial, conceito que ainda não obteve uma aceitação tão geral como o de Revolução Industrial, sobretudo porque um grande número de historiadores pouco se dedicou à história pré-moderna e revela pouca inclinação para procurar uma mudança radical num caso em que a falta de dados estatísticos de confiança limita as oportunidades de um estudo quantitativo (LOPEZ, 1986, p. 97).

Nesse sentido, o termo que aqui nos interessa diretamente, isto é, "Revolução Comercial", quando aplicado ao período pré-moderno, ainda gera desconfortos maiores do que aqueles que dizem respeito à consagrada Primeira Revolução Industrial (XVIII-XIX). Isso acontece porque o termo "Revolução Comercial" é utilizado, na maioria das vezes, para definir o "conjunto de transformações ocorridas nas relações de troca entre a Europa e o resto do mundo no período que vai do século XV ao XVII" (SANDRONI, 1999, p. 528).

Essas transformações decorrem do desenvolvimento do comércio no Ocidente europeu, a partir do século XI, ocasionando a decadência do feudalismo, e seu ponto culminante é caracterizado pela descoberta, por Vasco da Gama (1498), do Caminho das Índias por meio do Oceano Atlântico, bem como pela descoberta do Novo Mundo. Porém, devido à todas as singularidades que necessitam ser consideradas para o uso de determinado conceito, afirmamos que é cabível utilizar "Revolução Comercial" para designar as mudanças ocorridas no "despertar" da Europa cristã a partir de fins do século X[18].

O termo "Revolução Comercial da Idade Média" foi cunhado, primeiramente, por Raymond de Roover, em um artigo denominado *The comercial revolution of the 13th century*, publicado em 1942[19], e refere-se ao conjunto de transformações ocorrido entre os séculos XI e XIV, que levou ao desenvolvimento crescente dos modos, dos usos, das formas e das técnicas referentes aos negócios comerciais. Fatores como o crescimento demográfico e a produção

[18] Sobre a ideia de nascimento da cristandade, conferir: POLY, J-P.; VAUCHEZ, A.; FOSSIER, R. **El despertar de Europa, 950-1250**. Barcelona: Crítica, 2001.

[19] Veja: REIS, Jaime Estevão dos. A instrução dos manuais de mercadores medievais: o Zibaldone da Canal. In: OLIVEIRA, Terezinha (Org.). **Visões de mundo da Antiguidade e Medievo**: abordagens historiográficas. Aracaju: EDUNIT, 2016. p. 104-122.

agrária; aumento do número de animais domésticos; progressos técnicos; ampliação dos espaços cultivados; expansão monetária e, sobretudo, uma maior estabilidade política[20].

De acordo com Raymond de Roover, a "Revolução Comercial da Idade Média" teve impactos tão marcantes quanto a Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX. Ambas são marcos na história: a primeira marca o início do capitalismo mercantil e comercial; a segunda, o fim dele, com a introdução das máquinas movidas a energia e o capitalismo industrial.

Ao contrário das fases posteriores do desenvolvimento econômico, são as mudanças qualitativas que caracterizam a "Revolução Comercial da Idade Média", que "tal como a industrialização deu o papel preponderante ao industrial, também a comercialização transferiu a chefia económica das mãos do proprietário fundiário para as do mercador" (LOPEZ, 1986, p. 98)[21].

Para Raymond de Roover, o ápice da "Revolução Comercial da Idade Média" ocorreu no século XIII[22], com a distinção entre o pequeno e o grande capital e entre o mercador itinerante e o mercador sedentário no horizonte medieval. Essa observação apontada por Raymond de Roover (1953) origina-se dos estudos feitos por Norman Scott Brien Gras[23], considerado o pai da história dos negócios nos Estados Unidos, em que, para ele, o capitalismo mercantil se acentuou logo depois da aparição da figura do mercador sedentário na Baixa Idade Média (REINERT; FREDONA, 2017). Assim, a "Revolução Comercial da

[20] Para compreender melhor os fatores que levaram às transformações ocorridas entre os séculos XI e XIV, veja: FOURQUIN, Guy. **História Económica do Ocidente Medieval**. Tradução de Fernanda Barão. São Paulo: Edições 70, 1991.

[21] Diante disso, deve-se ter o cuidado para não desprestigiar a agricultura, que continuou sendo a principal ocupação e/ou sustento da maioria da população em toda Europa medieval, até mesmo anos depois dos inícios da Revolução Industrial. No entanto averigua-se que, entre os séculos X e XIV, o comércio ganhou cada vez mais destaque em várias cidades do Ocidente europeu, dinamizando-se, sendo os mercadores os principais agentes responsáveis por promover a circulação e modificar, de diversas formas, as estruturas sociais (LOPEZ, 1986).

[22] Segundo Jaime Estevão dos Reis (2015, p. 44), hoje, esse termo já é unânime entre os historiadores, sobretudo aqueles que se dedicam aos aspectos econômicos da Idade Média. Citemos, como exemplo, Peter Spufford e Jacques Le Goff, que adotam o estipulado por Raymond de Roover. Patrick Gilli fala em século XII e Robert S. Lopez o utiliza para caracterizar o período entre 950 e 1350. ROOVER, Reymond de. The Commercial Revolution of the Thirteenth Century. In: LANE, Frederic C. **Entreprise and secular change:** Readings in Economic History. Londres: George Allen and Unwin LTD, 1953. p. 80-85; SPUFFORD, Peter. **Money and its use in medieval Europe.** Cambridge: Cambridge University Press, 1989; SPUFFORD, Peter. **Power and profit**: the merchant in medieval Europe. Nova York: Thames & Hudson, 2003; LE GOFF, Jacques. **Mercadores e banqueiros da Idade Média**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991; LOPEZ, R. S. **A revolução comercial da Idade Media**: 950-1350. Lisboa: Editorial Presença, 1986; GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval**: séculos XII-XIV. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

[23] GRAS, Norman Scott Brien. **Business and capitalism**: an introduction to business history. New York: Crofts, 1939.

Idade Média" é marcada por dois períodos: "um período anterior até cerca de 1300 e um período posterior que inclui os séculos XIV e XV" [24] (ROOVER, 1953, p. 80).

O comércio do medievo foi uma atividade predominantemente errante no primeiro período da "Revolução Comercial" e constituía-se de mercadores profissionais itinerantes, que deveriam seguir as rotas dos produtos. Esses mercadores se dirigiam, em sua maioria, até as feiras em regiões distantes com a esperança de obter privilégios locais e chance de lucros com a comercialização de produtos diversificados.

Nos séculos XII e XIII, dentre várias feiras, as da região de Champagne ganharam destaque no cenário internacional. Eram realizadas em quatro cidades da região de Champagne (Lagny, Bar-sur-Aube, Provins e Troyes), no norte da França, e duravam, praticamente, o ano inteiro, com grande quantidade de negócios e de artigos vindos de todas as partes da Europa e do Oriente. Havia uma intensa atividade financeira com o câmbio de moedas e instrumentos de crédito.

Em fins do século XIII, iniciou-se o declínio do Ciclo de Feiras de Champagne e, consequentemente, o enfraquecimento da rota francesa denominada *Strata francigena*, que unia o mundo econômico do Norte ao comércio mediterrânico. Essa situação se acentuou no decorrer do século XIV, com a insegurança provocada pela Guerra dos Cem Anos. Também contribuiu para esse declínio o florescimento da indústria têxtil italiana, que desbancou a primazia dos tecidos vendidos nas Feiras de Champagne (LE GOFF, 1991, p. 16-17).

Outro fator que contribuiu para o deslocamento do eixo econômico do norte da França para a região italiana foi uma mudança na forma das transações, com o crescente abandono do comércio errante para o sedentário, bem como com a ampliação do comércio marítimo (PIRENNE, 1982, p. 106).

Segundo Guy Fourquin,

> Os grandes mercadores tornaram-se sedentários. As viagens quase contínuas dos negociantes correspondiam a uma determinada civilização, o mesmo acontecendo com as "feiras cíclicas". O começo do século XIV assinalou uma nova fase: a partir de então, os principais "errantes" passaram a ser salvo exceções, os empregados das grandes casas italianas que, ao mesmo tempo, instalaram fatores fixos nos maiores centros, como Londres, Paris e Bruges (FOURQUIN, 1991, p. 274-275).

[24] No original: "an earlier period up to about 1300 and a later period which includes the fourteenth and fifteenth centuries" (ROOVER, 1953, p. 80).

Essas mudanças marcam a segunda fase da "Revolução Comercial da Idade Média". Esse acontecimento foi provocado pelas contínuas transformações nas estruturas comerciais, pois, com a evolução das técnicas e a complexidade atingida na logística dos transportes, foi preciso formar uma rede de associados, o que, de certo modo, diminuía a necessidade de constantes deslocamentos dos mercadores, haja vista que estes possuíam representantes nas diversas praças comerciais.

Uma característica da segunda fase da "Revolução Comercial" e que, certamente, serviu de base para a ampliação do mundo dos negócios foi o desenvolvimento da indústria naval, em curso desde fins do século XIII. Robert Sabatino Lopez (1986) compara as construções navais com as grandes obras arquitetônicas da Idade Média. Era preciso destreza, imaginação, além de muita ousadia para construir os navios, assim como para a edificação dos grandes castelos e catedrais. Dentre os variados tipos de embarcações[25], um exemplo muito utilizado era a galera. Esta, uma descendente das embarcações romanas e bizantinas, com sua propulsão a remos ou à vela, servia tanto para o comércio quanto para as batalhas. Ela faz jus ao seu nome, que significa peixe-espada, pois, apesar de ter a quilha (peça estrutural do casco) achatada, possuía uma proa pontiaguda que poderia rasgar uma embarcação ao meio. O seu articulado sistema de velas e remos era manuseado para obter o maior rendimento em qualquer tipo de vento.

[25] Sobre os transportes, conferir: WOLFF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?**. Tradução de Edison Darci Heldt. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 143-159.

Figura 2 – Galera veneziana do século XV[26]

Fonte: Lopez (1986).

Concomitantemente à "Revolução Comercial" observada desde o fim de século X ou início do século XI, houve um processo de crescimento das cidades. O desenvolvimento urbano deveu-se, sobretudo, ao aumento demográfico, ocasionado, por sua vez, pela melhoria na qualidade de vida da população. No Ocidente medieval, o aumento da população indica o dinamismo de uma região e o nível de desenvolvimento de um determinado local, além de se encontrar intimamente ligado a fatores que condicionam os elementos essenciais da economia: a demanda e a oferta, ou seja, os níveis de produção e consumo de produtos de uma determinada sociedade (LE MENÉ, 1979).

Segundo Jaime Estevão dos Reis,

> A partir do século XI, observa-se em todo Ocidente um crescente desenvolvimento econômico. No campo, a afirmação das relações feudais e a exploração racional dos senhorios propiciaram o aumento da área cultivada e um melhor gerenciamento da mão-de-obra camponesa, bem como do parcelamento das terras concedidas para exploração e as formas de arrendamento. O resultado foi o aumento significativo da produção de alimentos e de matérias-primas, fundamental para o crescimento das cidades e a afirmação de uma economia urbana, impulsionados também pelo aumento populacional que o processo acarretou (REIS, 2015, p. 43-44).

[26] Ilustração da capa do livro *A revolução comercial da Idade Média 950-1350* (1986), de Robert Sabatino Lopez, "segundo um baixo relevo do Túmulo de Contarini, em Pádua (Itália)" (LOPEZ, 1965, p. 139).

Logo, o comércio era o principal elemento capaz de fazer renascer as cidades na Idade Média (FOURQUIN, 1991)[27]. "Abalou gradualmente a predominância numérica, económica e política dos proprietários fundiários e dos funcionários e fez do mercado o principal foco da vida urbana, em lugar da praça pública ou do largo da catedral" (LOPEZ, 1986, p. 99). Além disso, a população migrou constantemente para aldeias e cidades maiores, em busca de proteção e postos de trabalho fora do setor agrícola.

É importante, contudo, que não vislumbremos, de maneira uniforme, a "Revolução Comercial da Idade Média" em todas as partes da Europa. Houve pontos nevrálgicos que se evidenciaram: as cidades italianas com laços comerciais com Bizâncio adquiriram posições de grande relevância no comércio marítimo pelo Mar Mediterrâneo, Tirreno e Adriático e nas cidades costeiras que existiam nesses locais (por exemplo, Ragusa, importante entreposto comercial). Foi aí que se estabeleceram as rotas marítimas mais eficazes e seguras, bem como as técnicas comerciais inovadoras.

O sucesso das ditas Cidades-Repúblicas italianas[28] deveu-se às próprias condições existenciais da Itália, o comércio foi imposto aos seus habitantes como uma forma de sobrevivência. Citamos o exemplo de Veneza:

> Veneza, cuja acção se fez sentir em primeiro lugar, ocupa, como se sabe, na história económica da Europa, uma posição ímpar. Como Tiro, Veneza apresenta um caráter exclusivamente comercial. Os seus primeiros habitantes, fugindo à aproximação dos Hunos, dos Godos e dos Lombardos, tinham vindo procurar refúgio nas ilhas incultas da lagoa (séculos V e VI), em Rialto, em Olivolo, em Spinalunga, em Dorsoduro. Para viverem, era-lhes preciso esforçarem-se e lutar contra a natureza. Tudo faltava: a própria água potável escasseava. Mas o mar basta para a existência daqueles que sabem agir. A pesca e a preparação do sal asseguraram logo a subsistência dos Venezianos, habilitando-os a procurarem trigo, trocando os seus produtos com os habitantes da margem vizinha.
> O comércio foi-lhes assim imposto pelas próprias condições da sua situação territorial. Tiveram a energia e o talento de tirar proveito das diversas possibilidades que ele oferece ao espírito empreendedor. A partir do século VIII, o grupo de ilhotas que ocupavam era suficientemente povoado para se tornar a sede de uma diocese particular. No momento em que a cidade se fundara, a Itália pertencia ainda inteiramente ao Império Bizantino. Graças a sua situação insular, escapou a dominação dos conquistadores, que se

[27] No que se refere às origens das cidades medievais, o historiador Guy Fourquin (1923-1988) faz duras críticas à tese clássica de Henri Pirenne, em que fatores econômicos exógenos possibilitaram a revitalização das cidades. Ela pode até ser válida para algumas regiões, mas a crescente influência das populações rurais e a economia campesina foram sumariamente colocadas em segundo plano por Pirenne (COSER, s./d., p. 5).

[28] Dentre elas, destacam-se: Veneza, Gênova, Milão, Parma, Turim, Verona, Cremona e Ragusa, no norte; Florença, Pisa, Lucca, Siena e Ancona, na região central; Roma – os Estados Pontifícios –, Nápoles, Salerno, Trani, Amalfi e Bari, no sul.

> abateram sucessivamente sobre a península, em primeiro lugar os Lombardos, depois Carlos Magno e, finalmente, os imperadores germânicos. Continuou sob a soberania de Constantinopla, formando ao fundo do Adriático e ao pé dos Alpes um posto isolado da civilização bizantina. Ao passo que a Europa Ocidental se separava do Oriente, Veneza continuou a dele fazer parte. E esse acontecimento é de uma importância capital. A consequência foi que Veneza não deixou de gravitar na órbita de Constantinopla. Através dos mares, ela sofreu-lhe a atracção e engrandeceu-se sob a sua influência (PIRENNE, 2009, p. 68-69).

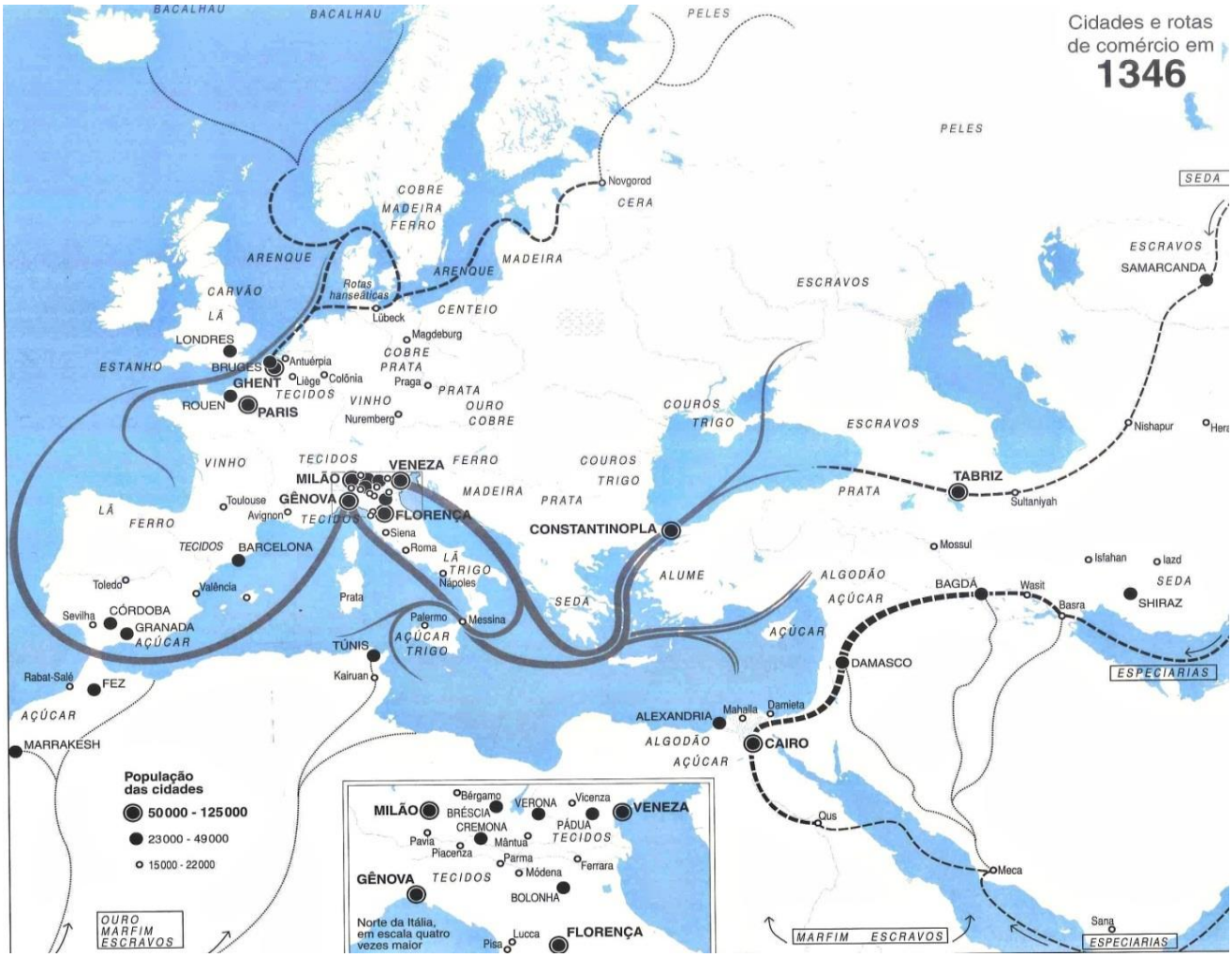
O poder econômico de Veneza forçou as demais Repúblicas, como Gênova, Pisa e Florença, a empreenderem uma política econômica internacional, impulsionando suas elites às atividades mercantis, desenvolvendo, inclusive, códigos de direito comercial para legitimar e normatizar as atividades[29].

As Cidades-Repúblicas Italianas alcançaram seu ápice de expansão comercial em fins do século XIV. Nesse período, houve um desenvolvimento intenso dos mercados internacionais e novos empreendimentos internos. Todavia o comércio italiano perdeu a primazia nos finais do século XV, devido à expansão de outras potências comerciais no Ocidente. Um exemplo é Barcelona.

Outro fator que explica o declínio do comércio italiano no século XV foi o deslocamento do eixo marítimo principal do Mediterrâneo para as rotas do Oceano Atlântico, que os próprios mercadores italianos haviam inaugurado. Nesse contexto, os italianos optaram por direcionar suas operações para a produção dos tecidos de seda e para o setor bancário, além do comércio de joias e obras de arte (SAPORI, 1970).

[29] Veja: GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval**: (séculos XII-XIV). Tradução de Marcelo Cândido da Silva e Victor Sobreira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011; WALEY, Daniel. **Las ciudades-república italianas.** Tradução de José-Miguel Velloso. Madrid: Ediciones Guadarrama. S.A, 1969; MONTANELLI, Indro; GERVASO, Roberto. **Itália**: os séculos decisivos. Tradução de Carlos Laino Júnior. São Paulo: IBRASA, 1968; MONTANELLI, Indro; GERVASO, Roberto. **Itália:** os séculos de ouro. Tradução de Carlos Laino Júnior. São Paulo: IBRASA, 1969.

Figura 3 – Rotas de comércio, cidades e mercadorias no século XIV



Fonte:Mecevedy (2007, p. 93).

Para concluir esta discussão, reiteramos que Benedetto Cotrugli foi um homem integrado em um abrangente contexto. Como mercador e estudioso, adquiriu um amplo conhecimento prático e teórico que lhe deu a oportunidade de produzir escritos nos anos finais de sua vida.

O desenvolvimento dos estudos acerca dos manuais de mercadores medievais nos revela que eles são uma rica fonte de informações sobre o mundo comercial medieval e de toda sociedade daquela época.

O manual de mercador *Livro da Arte do Comércio*, fonte desta dissertação, fruto da "Revolução Comercial da Idade Média", foi redigido no século XV, período de mudança da estrutura e da organização comercial das Cidades-Repúblicas italianas renascentistas. Seu autor, o mercador ragusano Benedetto Cotrugli, vivenciou essas transformações e ponderou sobre as transações e sobre o papel do comerciante no mundo dos negócios nos fins da Idade Média.

CAPÍTULO II – O *LIVRO DA ARTE DO COMÉRCIO*

2.1 A "tipologia" dos manuais de mercadores medievais

Ainda que os manuais de mercadores medievais pertençam a um gênero literário comum, existem estudos recentes que revelam diferentes "tipologias" entre eles. O historiador e medievalista Jaime Estevão dos Reis (2016) demonstra que existem três tipos de manuais: os didáticos, para a formação dos jovens aprendizes; os de caráter mais técnico, com instruções eminentemente econômicas; por fim, aqueles que apresentam não somente instruções econômicas, mas que envolvem uma gama de conteúdos voltados também para concepções políticas, filosóficas e morais, cujo objetivo é tratar não apenas da arte do comércio em si, mas apresentar o mercador ideal para essa atividade.

Dentre os diversos manuais existentes[30], na primeira tipologia, destacamos o *Zibaldone da Canal*, redigido em Veneza nos finais do século XIV, sem autoria definida. Historiadores que se dedicam ao estudo desse manual indicam que ele foi compilado por um jovem mercador, como registro de seus estudos preparatórios para entrar no mundo dos negócios, porém não descartam a hipótese de ter sido escrito por um experiente mercador.

Segundo Jaime Estevão dos Reis,

> O conteúdo do *Zibaldone da Canal* está estruturado em tópicos e de forma aleatória: as primeiras páginas foram perdidas, de modo que o manual inicia-se com uma longa lista de cálculos e exercícios de matemática financeira e comercial, além de informações mercantis acerca da equivalência de pesos e medidas venezianos em relação aos das diversas regiões com as quais estes comercializavam. Discorre também sobre a equivalência entre a moeda veneziana e as moedas estrangeiras, bem como as formas de convertê-las. Uma segunda seção apresenta conteúdo de cunho histórico-literário, como uma versão veneziana da *História de Tristão*, duas longas *sirventes* e uma Crônica de Veneza. Outra pequena parte trata de assuntos relativos à astronomia, astrologia e às plantas medicinais. A parte final do manual trata de assuntos de natureza religiosa e moral: os Dez Mandamentos, os Preceitos de Salomon e demais provérbios (REIS, 2015, p. 59).

[30] Veja: REIS, Jaime Estevão dos. Os manuais de mercadores da Idade Média: uma análise comparada do *Zibaldone da Canal* e o *La pratica della mercatura*. **Revista de história comparada**, Rio de Janeiro, v. 9, n 1, 2015. p. 43-68. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/2350/1978>. Acesso em: 26 ago. 2019.

Na segunda tipologia, do manual técnico e de natureza eminentemente econômica, encaixa-se o *Pratica della mercatura*, escrito em 1340, por Francesco Balducci Pegolotti, experiente representante comercial da Companhia dos Bardi (Florença), que pode ser considerado o mais completo manual de mercador elaborado na Idade Média:

> O *La Pratica della Mercatura* divide-se em três partes: uma introdutória contendo a nomenclatura comercial com os termos utilizados em cada região para designar aduanas, barcos, hospedarias e a metragem dos tecidos etc. Encerra essa primeira parte, os versos de um poema exaltando as qualidades de um verdadeiro mercador. A parte central da obra – a maior de todas – forma um tratado geoeconômico sobre os principais mercados da Europa, Ásia, Oriente e África. Inclui uma gama variada de informações sobre as rotas, as moedas locais e suas equivalências, as tarifas aduaneiras, o valor dos transportes, os produtos típicos de cada região, as importações e exportações, os preços, entre outros. Não há uma divisão formal entre a segunda e a terceira parte, esta última apresenta informações complementares como a metragem dos tecidos, a pesagem, os corantes, as peles, as pérolas, as pedras preciosas e os metais. O texto se encerra com uma afirmação acerca do conhecimento que deve possuir o mercador sobre os produtos que pretende comprar e vender (REIS, 2015, p. 59-60).

A terceira tipologia de manuais popularizou-se, principalmente, nos fins do século XIV e durante o XV. Esses manuais demonstram as transformações no mundo dos negócios desse período e apresentam um modelo considerado ideal de profissional, revelando os traços de uma Renascença mediterrânica e as influências da filosofia humanista em suas novas possibilidades.

Nesse sentido, essa categoria de manuais apresenta a legitimação e a renovação da ética mercantil e de sua linguística, sintomas que significam a consolidação do segmento social dos mercadores nos fins da Idade Média (AURELL, 2009, p. 75). O manual *Livro da arte do comércio*, de Benedetto Cotrugli (1416-1469), insere-se nesse contexto. Em meio a uma sociedade que estava moldando e adequando seus valores a uma moral de comportamento, a obra identifica no mercador as virtudes morais e profissionais. Esse mercador é caracterizado não apenas como profissional, mas como pai de família, personagem público e, em uma perspectiva muito mais abrangente, como um legítimo representante da nova sociedade (PIOTROWICZ, 2013, p. 349-350).

2.2 Os manuscritos e edições impressas do *Livro da arte do comércio*

Em 1990, foi publicada por Ugo Tucci uma edição do *Livro da arte do comércio*, com base em dois manuscritos florentinos de finais do século XV. No primeiro manuscrito (1484), existem demonstrações de que o texto original de Cotrugli sofreu fortes modificações pelo seu primeiro editor veneziano, em 1573, o qual teria resumido os exemplos práticos do *Capitulo XIII* do *Libro I*, transformando essa parte da obra inclinada à educação comercial dos mercadores em um verdadeiro tratado humanista, tornando vago o apontamento sobre o método das "partidas dobradas" (*dupple partite*) (FAVERO, 2017, p. 10).

Diante desses estudos, constata-se que Cotrugli aponta o método das "partidas dobradas" como essencial ao gerenciamento dos negócios e para o controle das contas e transações. Por fim, ele nos mostra os procedimentos para organizar o local de trabalho: gravando, anotando e guardando tudo em seu devido lugar. Assim, sem muitas delongas, Cotrugli termina o capítulo dizendo que esses são os conhecimentos primordiais de ordenamento dos registros de contas (COTRUGLI, 2017, p. 73).

Paul Oskar Kristeller, contudo, mencionou outra cópia do manuscrito de Cotrugli feita em Nápoles no ano de 1475. Em 1993, Tiziano Zanato analisou a linguística deste e de outros dois manuscritos encontrados, e Žarko Muljačić estudou minuciosamente quais eram as diferenças entre a primeira edição veneziana, os manuscritos florentinos e a versão de 1475. Miroslav Buzadzic, Mladen Habek e Vladimir Stipetic (1998) utilizaram a versão de 1475 para reforçar os argumentos favoráveis a Cotrugli na exposição sobre as "partidas dobradas". Ainda no mesmo ano, Joana Postma descobriu que a primeira parte do capítulo *Tariffa mercantesca* do *Tractatus mathematicus ad discipulos perusinos* (1478), do matemático franciscano Luca Bartolomeo de Pacioli (1445-1517), era idêntica ao *Capitulo XI* do *Libro I* de Cotrugli. Assim, mesmo antes da publicação da *Summa* (1494), levantou-se a hipótese de que Pacioli já teria se familiarizado com os escritos de Cotrugli (FAVERO, 2017, p. 10-11).

No entanto, o método das partidas dobradas já era usado na Itália antes de 1340. Como prova dessa afirmação, há dois registros da Masseria de Gênova contendo esse método de escrituração, que foi descoberto por Cornelio Desimoni.

> Esses dois registros começam pelos saldos das contas do ano anterior, 1339, o que nos leva a conclusão que já antes de 1340, o método das partidas dobradas era empregado na escrituração da comuna de Gênova. Os registros anteriores a 1340 extraviaram-se, tendo sido muitos deles queimados na praça de São Lorenzo, durante o tumulto provocado em 1339 pela eleição do doge SIMONE BOCCANERA (VALLE; ALOE, 1966, p. 69).

Não foi Pacioli, nem Cotrugli, quem primeiro escreveu sobre contabilidade e partidas dobradas, já existiam escritos de mestres calculistas sobre essas instruções e regras de escrituração. De fato, Pacioli nunca atribuiu a ele mesmo a descoberta desse método, pois salienta que só sistematizou e narrou de forma ordenada, em um tratado específico, o modo que os mercadores venezianos registravam seus assentamentos nos livros comerciais. Em suma, "o que não se pode negar é ter sido PACIOLO o autor da primeira obra impressa sobre o assunto" (VALLE; ALOE, 1966, p. 65).

Assim, vislumbramos que a publicação da obra de Pacioli contribuiu de forma extremamente relevante para a difusão desse conhecimento contábil nos grandes centros mercantis, estando, agora, logicamente coordenado em um tratado. Dessa forma, "o 'Tractatus' pode ser considerado a certidão de batismo da Contabilidade, máxime havendo sido escrito por um sacerdote" (VALLE; ALOE, 1966, p. 70). Já a presente obra de Benedetto Cotrugli pode ser considerada um elo entre os manuais medievais, com suas técnicas mercantis e os primeiros tratados contabilísticos modernos (FAVERO, 2017, p. 10).

Portanto, por meio de estudos feitos desde a década de 1990, verifica-se que existem três manuscritos conhecidos do *Livro da arte do comércio*, presentes no quadro a seguir.

Quadro 2 - Manuscritos disponíveis do *Livro da arte do comércio*, de Benedetto Cotrugli

Localização	**Biblioteca**	**Manuscrito**	**Datação**
Valletta	Biblioteca Nacional de Malta	MS. 15	1475
Florença	Biblioteca Nacional Central	MS. Magliabechiano XIX 97	1485
Florença	Biblioteca Marucelliana	MS. Marucelliano C 16	1480

Fonte: Adaptado de Ribaudo (2016; 2017).

A obra foi impressa, porém, pela primeira vez em Veneza, no ano de 1573. Antes, existiam apenas manuscritos produzidos por copistas italianos. Foi Giovanni Giuseppi, outro cidadão de Ragusa, quem fez um desses manuscritos ser transcrito e, posteriormente, levado à Veneza, onde passou pela correção de Francesco Patrizio, para ser, enfim, publicado, com o título *Della Mercatura et del mercante perfetto. Libri quattro di M. Benedetto Cotrugli*

raugeo. Scritti già pitù di anni CX & hora dati in luce. Utilissimi ad ogni mercante, apenas com a referência "In Venegia, all'Elefanta, 1573" (INFELISE, 2017, p. 213-214). A página em que se encontram essas referências é rara e tem como símbolo a imagem de uma elefanta amamentando, cujo lema escrito na figura é: "non sine spe", ou seja, não sem esperança.

Figura 4[31] – *Della mercatvra et del mercante perfetto*

DELLA MERCATVRA
ET DEL MERCANTE
PERFETTO.
LIBRI QVATTRO
Di M. Benedetto Cotrugli Raugeo.
Scritti gia piu di anni CX.
& hora dati in luce.
Vtilisſimi ad ogni Mercante.
CON PRIVILEGIO.
NON SINE SPE
IN VINEGIA, all'ELEFANTA.
M D LXXIII.

Fonte: Della Mercatvra (c) (2009, *on-line*).

Depois dessa primeira edição em 1573, o manual foi reimpresso sem mudanças significativas no ano de 1602, em Brescia – edição compartilhada (com duas páginas de títulos diferentes) de Comino Presegni e Giambattista Bozzola –, e teve uma tradução para o francês em 1582.

[31] Della mercatvra et del mercante perfetto. Libri qvattro di. M. Benedetto Cotrugli Raugeo. Scritti già Più di anni CX. & hora dati in luce In Vinegia, all'Elefanta, 1573, [8], 106, [2] c.; 8º Fingerprint: 4141 e,,e rela anco (3) 1573 (R). Apenas com a referência "In Venegia, all'Elefanta, 1573".

Figura 5[32] – *Della mercatvra et del mercante perfetto*

DELLA
MERCATVRA
ET DEL MERCANTE
PERFETTO.
Di Benedetto Cotrugli Raugeo.
Libri Quattro.
Doue si tratta il modo di lecitamente negotiare in qual si voglia honesto contratto, & de tutte le moralità ad vn real negotiatore spetanti.
Opera ad ogni Mercante, e deuoto Christiano vtilissima. Nuouamente datta in luce.
IN BRESCIA, M D CII.
Alla Libraria del Bozzola.
Bayerische Staatsbibliothek München

Fonte: Della Mercatvra (a) (*on*-line).

[32] Della mercatvra et del mercante perfetto. Di Benedetto Cotrugli Raugeo. Libri quattro. Duouesi trata il modo di licitamente negotiare ... Opera ad ogni mercante, e deuoto christiano vtilissima Nuouamente data in luce In Brescia, all libraria del Bozzola, 1602, [6], 213, [i.e.203], [1] p.; 8ºFingerprint: nore tei, a-er coEr (3) 1602 (R).

Figura 6[33] – *Della mercatvra et del mercante perfetto*

DELLA

MERCATVRA

ET DEL MERCANTE

PERFETTO.

Di Benedetto Cotrugli Raugeo.

Libri Quattro.

Doue ſi tratta il modo di lecitamente negotiare in qual ſi voglia honeſto contratto, & de tutte le moralità ad vn real negotiatore ſpetanti.

Opera ad ogni Mercante, e deuoto Chriſtiano vtiliſſima Nuouamente datta in luce.

IN BRESCIA, M D CII.

Appreſſo Comino Preſegni.

Fonte: Della Mercatvra (b) (*on-line*).

[33] Della mercatvra et del mercante perfetto. Di Benedetto Cotrugli Raugeo. Libri quattro. Duouesi trata il modo di licitamente negotiare ... Opera ad ogni mercante, e deuoto christiano vtilissima Nuouamente data in luce In Brescia, appresso Comino Presegni, 1602, [6], 213, [1] p.; 8º Fingerprint: nore tei, a-er coPe (3) 1602 (R).

Figura 7[34] – *Dela marchandise, et dv parfaict marchant*

DE LA MAR-
CHANDISE, ET DV
PARFAICT MAR-
chant, diſpoſé en
QVATRE LIVRES.
Traduict de l'Italien de Benoit Cotrugli Rau-
gean, par Iean Boyron.
Oeuure tres-neceſſaire à tout Marchant.
802254
A LYON,
Par les heritiers de François Didier,
à l'enſeigne du Fenix.
1582.
Auec priuilege du Roy.

Fonte: Dela Mar... (*on-line*).

Um ensaio de Mario Infelise (2017) centra-se nas três modernas edições impressas da obra, descritas no quadro a seguir.

[34] Traicté de la marchandise et du parfaict marchant disposé em quatre livres. Traduict de l'italien de Benoit Cotrugli raugean, par Iean Boyron..., Lyon, par les héritiers de François Didier (27 Oct. 1582), 179 [-13] f.; in-16º Bibliothèque Municipale de Lyon.

Quadro 3 - Modernas edições impressas da obra *Livro da arte do comércio*

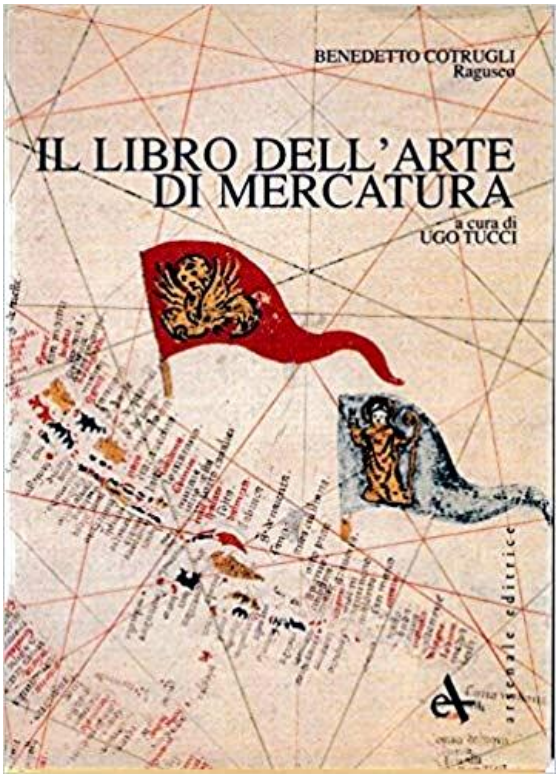
Edições modernas impressas	**Ano**	**Título/Localização**
Edições italianas	1573	Della mercatura et del mercante perfetto. Libri quattro di M. Benedetto Cotrugli raugeo. Scritti già più di anni CX. & hora dati in luce In Vinegia, all'Elefanta, 1573, [8], 106, [2] c.; 8° Fingerprint: 4141 e,,e rela anco (3) 1573 (R)
	1602	Della mercatura et del mercante perfetto. Di Benedetto Cotrugli Raugeo. Libri quattro. Duouesi trata il modo di lecitamente negotiare ... Opera ad ogni mercante, e deuoto christiano vtilissima Nuouamente datta in luce In Brescia, alla libraria del Bozzola, 1602, [6], 213, [i.e.203], [1] p.; 8º Fingerprint: nore tei, a-er coEr (3) 1602 (R)
		Della mercatura et del mercante perfetto. Di Benedetto Cotrugli Raugeo. Libri quattro. Duouesi trata il modo di lecitamente negotiare ... Opera ad ogni mercante, e deuoto christiano vtilissima Nuouamente data in luce In Brescia, appresso Comino Presegni, 1602, [6], 213, [1] p.; 8º Fingerprint: nore tei, a-er coPe (3) 1602 (R)
Tradução francesa	1582	Traicté de la marchandise et du parfaict marchant disposé em quatre livres. Traduict de l'italien de Benoit Cotrugli raugean, par Iean Boyron..., Lyon, par les héritiers de François Didier (27 Oct. 1582), 179 [-13] f.; in-16º Bibliothèque Municipale de Lyon.[35]

Fonte:Adaptado de Infelise (2017, p. 213-218).

[35] Existe uma réplica da tradução francesa de 1582 editada por Luc Marco e Robert Noumen, publicada pela L'Harmattan, em 2008, conferir: COTRUGLI, Benoît. **Traité de la marchandise, et du parfait marchand, disposé en quatre livres.** Traduict de l'italien de Benoit Cotrugli raugean, par Iean Boyron. À Lyon, par les héritiers de François Didiner (27 out. 1582). Paris: L'Harmattan, 2008.

Destarte, depois que Ugo Tucci escreveu sobre a tradição das impressões do *Livro da arte do comércio*, de Benedetto Cotrugli, nenhum outro trabalho sobre as edições do manual foi redigido. Somente uma réplica da tradução francesa, de 1582, editada por Luc Marco e Robert Noumen, foi publicada pela L'Harmattan, em 2008, até que Vera Ribaudo, em 2016, elaborou sua edição crítica da obra, que é publicada pela Edizioni Ca' Foscari – Digital Publishing[36].

Figura 8 – *Il libro dell'arte di mercatura*, 1990



Fonte: Cotrugli (1990).

[36] Disponibilizada no seguinte link: <http://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/book/978-88-6969-088-4/978-88-6969-088-4.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

Figura 9 – *Traité de la marchandise, et du parfait marchand*, 2008

Fonte: Cotrugli (2008).

Essa edição contém explicações de todos os critérios adotados para editar o *Livro da arte do comércio*, de Benedetto Cotrugli. Vera Ribaudo utilizou os três manuscritos conhecidos e a primeira edição de 1573, buscando construir um aparato crítico para a elaboração de sua versão ser o mais coerente possível com o texto original[37] (RIBAUDO, 2016, p. 17-34).

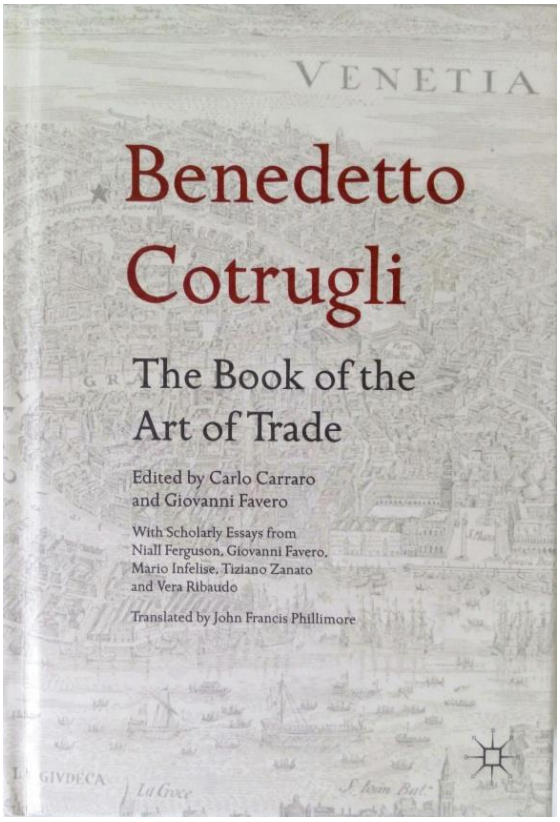
[37] Veja: RIBAUDO, Vera. Sul testo dell'Arte de la mercatura. In: COTRUGLI, Benedetto. **Libro de l'arte de la mercatura**, 2016. p. 17-34. Disponível em: <http://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/book/978-88-6969-088-4/978-88-6969-088-4.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2018.

Figura 10 – *Libro de l'arte de la mercatura*, 2016

Fonte: Ribaudo (2016).

Em 2017, foi publicada, pela editora Palgrave Macmillan, uma versão em inglês, denominada *Benedetto Cotrugli – The Book of the Art of Trade*. Traduzida por John Francis Phillimore e editada por Carlo Carraro e Giovanni Favero. Esta foi a primeira tradução fiel à edição italiana de 2016 e permitiu que um público maior tivesse acesso a esse texto. Tal edição é particularmente importante para nossa investigação, pois apresenta ensaios acadêmicos que contextualizam a vida e o trabalho de Benedetto Cotrugli, trazendo maior clareza não apenas em relação à atuação do autor em sua época, mas também à própria estruturação do seu manual.

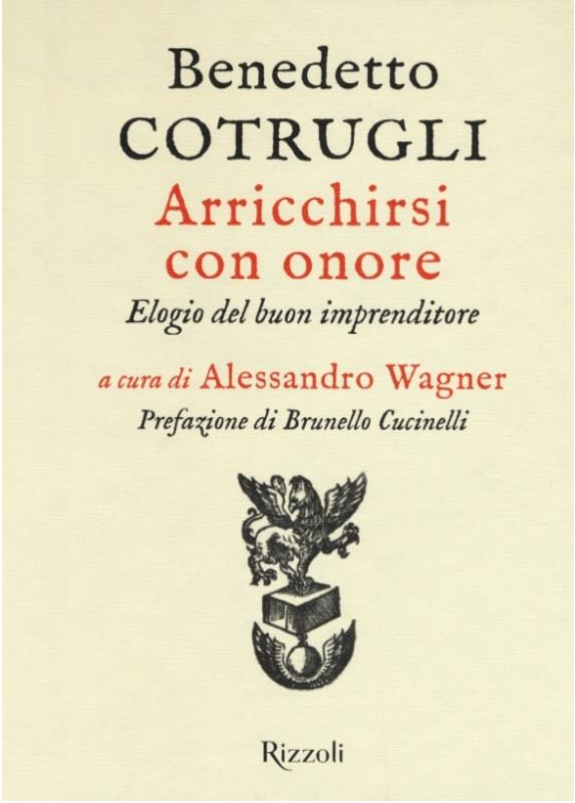
Figura 11 – *Benedetto Cotrugli – The Book of the Art of Trade*, 2017



Fonte: Cotrugli (2017).

É digna de nota uma edição em italiano, produzida em maio de 2018, denominada *Benedetto Cotrugli – Arricchirsi com onore: elogio del buon imprenditore*, editada pelo jornalista econômico Alessandro Wagner e com prefácio de Brunello Cucinelli. Essa edição foi publicada pela Rizzoli, cujo texto de Benedetto Cotrugli é baseado também na edição crítica de 2016.

Figura 12 – *Benedetto Cotrugli – Arricchirsi com onore: elogio del buon imprenditore*, 2018



Fonte: Cotrugli (2018).

Alessandro Wagner ressalta que o texto original de Cotrugli é composto por um "*Proêmio*" (Introdução/*Prefáti*o) e quatro livros, como era tradicional na época. Todavia a edição apresentada por Alessandro tem como objetivo demonstrar o trabalho de Cotrugli de maneira mais imediata, oportuna e compreensível: reconstruindo os costumes e esquematizando, acima de tudo, o primado da religião, ou seja, passagens relacionadas ao mesmo tema e que se encontram em livros diferentes na versão original foram agrupadas.

Quadro 4 - Edições contemporâneas da obra *Livro da arte do comércio*

Edições contemporâneas	Ano
Il libro dell'arte di mercatura	1990
Traité de la marchandise, et du parfait marchand	2008
Libro de l'arte de la mercatura	2016
Benedetto Cotrugli – The Book of the Art of Trade	2017
Benedetto Cotrugli – Arricchirsi com onore: elogio del buon imprenditore	2018

Fonte: Elaborado pela autora.

2.3 O conteúdo do *Livro da arte do comércio*

Nesta dissertação, utilizamos a versão crítica de Vera Ribaudo (2016) e a tradução para o inglês de 2017 as quais, como já foi exposto, possibilitam-nos uma análise mais coerente sobre a fonte original e sobre a vida do autor. Para fazermos uma apresentação geral

da obra, vamos começar pelo fim. De acordo com Tiziano Zanato (2017, p. 182-183), na última página do *Livro da arte do comércio*, Benedetto Cotrugli, que na ocasião estava refugiado no Castelo de Serpico, fugindo da Peste Negra, escreve que o dedica a Francesco di Stefano:

> Concluindo, meu querido Francesco, tratamos, brevemente, da vida e morte de um verdadeiro mercador, dos quais sob tal título muitos se abrigam e se consideram mercadores. E se eu tiver em alguma ocasião falhado na tarefa de satisfazê-lo, seja paciente e culpe a adversidade destes tempos, que pouco me permitiram repousar de minhas tarefas. Tudo isso foi escrito com um espírito inquieto, pois foi difícil estar longe de minha alegre terra natal, estando em um lugar em que tenho que lidar com inconveniências e desconforto (f. 98'), e longe, particularmente, da minha biblioteca, o que me priva de muitas coisas.
> Se, por outro lado, o satisfiz, me sinto feliz; naquelas em que não o fiz, culpe estes tempos exilados. Também o fato de estar isolado aqui por conta da peste, que está agora em Nápoles, no Castelo de Serpico, meu Senhor o Rei Dom Ferdinand me confiou uma embaixada em suas terras, e eu não desejava trazer comigo um trabalho inacabado. Não teria terminado também por pressão, pois sempre estive ansioso em satisfazer suas orações e súplicas, como se estivessem sempre prontas a serem por mim guiadas, o imploro que estejam prontos, de forma similar, em satisfazer-se com os resultados, graças aos quais você poderá alcançar um fim abençoado e a glória da vida eterna, para sempre, Amém.
> Assim termina o livro intitulado *A arte do comércio*, escrito por Benedetto dei Cotrugli para Francesco di Stefano, *Deo gratias*. Em Serpico, enquanto uma epidemia devastava a cidade de Nápoles. No ano de nosso Senhor 1458, no 25º dia de agosto, com saúde. Amém[38] (COTRUGLI, 2017, p. 171-172).

Podemos tirar as seguintes conclusões acerca dessas informações:

- o *Livro da arte do comércio* é dedicado a Francesco di Stefano, seu cunhado, mercador e colega em Ragusa.

[38] No original: "There we are, my dear Francesco, we have talked, briefly enough, of the life and death of the true merchant, under which title many shelter and call themselves merchants. And if I have on occasion failed to satisfy your whole mind, be patient and blame the adversity of the times, which give me little rest from my labours. And all this has been written in an unsettled spirit, in that it has been my lot to be away from my joyful homeland, and in a place where I have to put up with inconveniences and discomfort (f. 98'), and separated in particular from my library, which deprives me of many things.
Where, on the other hand, I have satisfied you, I am glad; where not, blame these exiled times. And also the fact that from being secluded here from the plague, which is now in Naples, in the Castle of Serpico, my Lord the King Don Ferdinand has now entrusted me with an embassy to your parts, and l did not want to bring with me an unfinished work. Nor would I ever have finished it for the pressure of work, for all that I have always been most anxious to satisfy your prayers and entreaties, which as they were ever ready to seek my guidance, I beg you may they be similarly prompt in indulging the results, thanks to which you can achieve a blessed end and the glory of everlasting life, for ever and ever, Amen.
Here ends the book entitled *The Art of Trade* written by Benedetto dei Cotrugli for Francesco di Stefano, *Deo gratias*. At Serpico, while an epidemic was devastating the City of Naples. In the year of Our Lord 1458, on the 25th day of August, in health. Amen" (COTRUGLI, 2017, p. 171-172).

- o trabalho foi concluído no Castelo de Serpico, nas proximidades de Avellino.
- as circunstâncias fizeram-no escrever em Serpico, devido à epidemia da Peste Negra que assolara Nápoles naquele momento, inclusive fazendo com que o próprio rei Ferdinand, com toda sua corte, também fugisse de lá.
- O manual foi concluído no dia 25 de agosto de 1458.

Chama-nos a atenção o fato de Benedetto Cotrugli se desculpar por quaisquer imperfeições em seu manual por causa da distância que estava em relação à sua biblioteca em Ragusa. Ele precisou se apressar para terminar o livro, porque o rei Ferdinand, provavelmente, ordenou que ele buscasse apoio militar em Ragusa para consolidar sua sucessão ao trono de Alfonso. Benedetto não queria voltar à sua pátria de mãos vazias. Decidiu, então, fazer essa oferta intelectual e consolidar relações com Ragusa. Assim, provavelmente no mesmo ano, tratou de fazer uma cópia ao seu cunhado. Apesar desse manuscrito não chegar até nós, essas informações validam-se pelo fato de que o comerciante Giovanni Giuseppi fez uso dele em Ragusa, copiou-o e, posteriormente, levou a Veneza para ser impresso por meio do patrocínio de Francesco Patrizi, que editou o texto e o publicou mais de cem anos depois, em 1573, pela imprensa Alla Elefanta (ZANATO, 2017, p. 184).

O manuscrito mais próximo ao original encontra-se na Biblioteca Nacional de Malta, em Valleta. Ele deriva da cópia original do manuscrito que não saiu de Nápoles, pois quem o compilou foi Marino de Raphaeli, de Ragusa, comerciante e compatriota de Cotrugli, no ano de 1475, como ele mesmo menciona no final desse exemplar (ZANATO, 2017, p. 184).

Benedetto Cotrugli explica que seu manual foi escrito para servir aos mercadores que queriam desenvolver plenamente a profissão de acordo com os moldes esmerados na época. Esse fato fez com que a obra fosse recepcionada logo de início, pois foi considerada e valorizada como texto literário apenas posteriormente. Na introdução da obra, ele menciona que foi obrigado a escrever no idioma comumente falado pelos mercadores, o vernáculo, e deixa clara a intenção de levar seus escritos a todos aqueles que desejam obter conhecimentos sobre a arte do comércio (COTRUGLI, 2017, p. 26).

Observa-se, no entanto, que seu perfil básico de comerciante era aquele estabelecido nas grandes companhias comerciais. Segundo Tiziano Zanato (2017, p. 185-186), Benedetto Cotrugli desenvolveu esse perfil de acordo com sua antiga atuação como comerciante; e, no momento, como escritor, buscava obter fama escrevendo obras teórico-literárias, projeto que estava em sua mente há alguns anos. Vejamos como o autor expõe sua intenção:

> Por conta disso, prometi a mim mesmo várias vezes que tomaria a caneta e ofereceria instruções, apresentando axiomas salutares relativos a essa profissão, eliminando os erros e abusos que a reduziram a uma piada, uma profanidade envolta de mentiras, falta de fé, perjuras e libertinagem, nem venerada nem cultuada, com falta de modéstia e comprometimento, sem qualquer senso de nosso dever para com a humanidade, arruinada por atos de grande incivilidade. Ter omitido estas questões por um longo tempo, por conta de várias tarefas urgentes e responsabilidades, e particularmente por ter vivido longe de minha terra natal, tão cara a mim, como você lerá, foi você que veio ao meu socorro, meu querido Francesco, meu instigador e suplicante, e é para satisfazer suas súplicas (f. 2') que decidi escrever sobre o que penso da arte do comércio, assim como tenho certeza de que, ao escrever para você, eu estarei prestando um serviço para muitos, especialmente àqueles que desejam e estão preparados a comerciar com honra e sem ofender a Deus ou seu próximo[39] (COTRUGLI, 2017, p. 24-25).

Para escrever sobre o que chama de "arte do comércio", Cotrugli se baseia em suas experiências como mercador e em seus conhecimentos adquiridos na universidade, assim como nos círculos de intelectuais. Nesse sentido, sobre a decisão de escrever a obra em língua vernácula, explica que, apesar da superioridade do latim, língua da Antiguidade, a escolha do italiano deveu-se ao fato de ser a língua da maioria dos mercadores. Ao tomar essa decisão, escrevera o primeiro tratado em língua vernácula de Nápoles (ZANATO, 2017).

Durante sua vida como comerciante, Benedetto Cotrugli estabeleceu contatos florentinos que extrapolavam o âmbito do meramente comercial. Sua relação com a companhia de mercadores dos Neroni, em Florença, por exemplo, fez com que ele entrasse em contato com a cultura humanista. Destacamos dois diálogos que, provavelmente, serviram de inspiração à elaboração do *Livro da arte do comércio*: o *Libri della familia* (1433-1440), de Leon Battista Alberti, e o *Vita civile* (1430), de Matteo Palmieri, ambos divididos em quatro livros[40].

---

[39] No original: "For this reason I have many times and again promised myself to take up my pen and offer some instruction and lay down some salutary axioms concerning this profession, eliminating the errors and abuses that have reduced it to a joke, a profanity surrounded by lies, faithlessness, perjury and licentiousness, neither venerated nor cultivated, lacking modesty and commitment, completely without any sense of our duty towards humanity, and marred by acts off great incivility. And having omitted for a long time to set these things down, due to various pressing claims and responsibilities, and particularly from having lived away from my lovely homeland, which is so dear to me, as you will read, it was you that came to my aid, dearest Francesco, my prompter and petitioner, and it is to satisfy your entreaties (f. 2') that I am resolved to write what I think of the art of trade, not least because I do not doubt that in writing to you I will do a service to many, and especially those that desire and are prepared to trade in things with honour and without offence to God or their neighbor" (COTRUGLI, 2017, p. 24-25).

[40] Leon Battista Alberti (1404-1472), nascido em Gênova, foi arquiteto, teórico de arte e humanista italiano. Trata, no *Libri di família*, sobre temas referentes à educação dos filhos, às atividades para os jovens e a família (inclusive na perspectiva econômica), ao casamento e à amizade. Matteo Palmieri (1406-1475) foi um florentino que, mesmo não sendo oriundo das famílias aristocráticas, seguiu caminhos políticos e diplomáticos e defendeu a literatura vernácula entre o círculo de humanistas florentinos da época. Escreveu o *Vita Civile*, exultando a

Assim, para Tiziano Zanato (2017), como essas obras, o manual de Cotrugli está dividido em quatro livros, antecedidos por um prefácio. A seguir, elaboramos um quadro no qual apresentamos a estruturação da obra.

Quadro 5 - Estrutura do *Livro da arte do comércio*

Livros	**Prefácios**	**Capítulos**	**Assuntos**
	Prefatio (Introdução geral)		Comincia lo prefatio, *feliciter*
Libro I Justificativa para escrita da obra e como ela está organizada.	(Prefácio I)	Capitulo primo	Comincia lo tractato de origine et principio de la mercatura
		Capitulo II	De la quidità e definitione di mercatura
		Capitulo III	De la qualità de la persona de lo mercante
		Capitulo IIII	De lo loco abile a lo mercante
		Capitulo V	De lo vender a baracto
		Capitulo VI	Del vendere al contante
		Capitulo VII	De lo vendere al termine
		Capitulo VIII	De lo modo de lo scodere
		Capitulo VIIII	De lo pagar elo debito
		Capitulo X	De lo modo universale et ordene de lo traficare
		Capitulo XI	De li cambii
		Capitulo XII	De lo deposito e de lo pegno
		Capitulo XIII	De l'hordene de tenere le scripture com ordine mercantile
		Capitulo XIIII	De le sicurtà et

língua vernácula, e tratou de temas como a educação das crianças, as quatro virtudes cardiais e os lucros e as perdas na economia (ZANATO, 2017, p. 179-180).

			sicuratori
		Capitulo XV	De gioiellieri
		Capitulo XVI	De drapieri et merciari
		Capitulo XVII	De lanaioli et altri mercanti d'arte
		Capitulo XVIII	De cose prohibite omnino a li mercadanti
		Capitulo XVIIII	Del saldo si dè fare ogni VII anni
Libro II Origens, tipos e essência da negociação.	Prefatio II		Comincia libro secundo de la religione che convene a lo merchante
		Capitulo primo	De la messa
		Capitulo secundo	De oratione
		Capitulo tercio	De elemosina
		Capitulo IIII	De casi de consciencia liciti et illiciti
Libro III As atitudes do comerciante em relação a essas observâncias e as virtudes políticas e morais.	Prefatio III		Comincia lo terço libro de vita politica de lo mercante
		Capitulo primo	De lo officio e dignità de lo mercante
		Capitulo II	De la prudentia de lo mercante
		Capitulo III	De la sciencia de lo mercante
		Capitulo IIII	De la confidentia de lo mercante
		Capitulo V	De la fortuna de lo mercante
		Capitulo VI	De la integrità de lo mercante
		Capitulo VII	De la diligentia de lo mercante
		Capitulo VIII	De la facilitate de lo mercante
		Capitulo VIIII	De la astucia de lo mercante
		Capitulo X	De la urbanita de lo mercante
		Capitulo undecimo	De la iustitia de lo mercante

		Capitulo XII	De la constantia de lo mercante
		Capitulo XIII	De la auctorità de lo mercante
		Capitulo XIIII	De la liberalità de lo mercante
		Capitulo XV	De la tranquilità de lo mercante
		Capitulo XVI	De la modestia de lo mercante
		Capitulo XVII	De le laudabili condecioni de lo mercante
		Capitulo XVIII	De la temperantia de lo mercante
Libro IV O comerciante no seu ambiente doméstico e como ele deveria administrar a sua casa, sua família e seu orçamento.	Prefatio IV		Comencia lo 4º de lo mercante circa le virtù icognomiche
		Capitulo primo	De la casa
		Capitulo II	De la villa
		Capitulo tercio	De lo yconomo
		Capitulo 4º	De le veste e ornamenti
		Capitulo V	De masarie et supelectili
		Capitulo VI	De la muliere
		Capitulo septimo	De li figlioli
		Capitulo optavo	De servi et famigly
		Capitulo nono	De peculio
		Capitulo decimo	De la fine de lo mercante

Fonte: Adaptado de Cotrugli (2016).

Portanto, o *Livro da arte do comércio*, que faz parte da terceira tipologia de manuais destacada por Jaime Estevão dos Reis, revela-nos uma gama de conteúdos voltada tanto para prática quanto para preceitos morais e éticos, como uma forma de representar o mercador ideal em todos os âmbitos de sua vida e, mais do que isso, da sociedade. Nesse sentido, o levantamento e os estudos sobre os manuscritos e as edições impressas da obra nos permitem a análise mais coerente com a versão original, possibilitando a esquematização do seu conteúdo e o estudo acerca dele.

CAPÍTULO III – O MERCADOR IDEAL: AS VIRTUDES E O AMBIENTE DOMÉSTICO E PROFISSIONAL

3.1 Em busca de uma definição da imagem do mercador na ótica de Benedetto Cotrugli

Nos capítulos anteriores, dissertamos a respeito da vida e da obra de Benedetto Cotrugli, da polêmica envolvendo os manuais de mercadores medievais, do contexto que possibilitou a escrita da obra *Livro da arte do comércio*, além de descrevermos seus manuscritos e edições impressas e esquematizarmos o seu conteúdo. Agora, vamos falar sobre a "alma" desse mercador representada nas palavras de Benedetto Cotrugli. Tais palavras nos levam a entender melhor as principais características da sua vida cotidiana, tanto em âmbito doméstico quanto profissional. No entanto, para atingir tal entendimento, precisamos definir esta imagem.

Vivemos em um mundo repleto de imagens. Elas têm o dom de nos fascinar, povoam nossa memória, fazem-nos rememorar o passado e dão luzes aos nossos olhos na cotidianidade da vida. O nosso coração bate forte porque elas embalam nossos sonhos futuros. As imagens emergem de maneira exuberante quando nossa capacidade de criar é ativada, por consequência, fazendo-nos pensar e criar um mundo diferente à nossa volta (PESAVENTO, 2008a, p. 17).

Até pouco tempo, a imagem pictórica era considerada de caráter meramente ilustrativo dos fatos, dos personagens ou dos espaços na narrativa histórica, mas ela se tornou tema de pesquisa e objeto de reflexões. Hoje, consideradas traduções figurativas do real, as imagens "podem apresentar-se sobre um suporte físico diverso, mas que são, sempre, ação humana, artefatos que se oferecem à vista e que pressupõem um leitor-espectador que as contemple" (PESAVENTO, 2008a, p. 18).

A imagem é a representação de alguma coisa, ou seja, pode ser considerada uma emissária, porque traz consigo uma mensagem que não lhe é própria, mas que lhe foi delegada, pois ela reapresenta algo (PUIGARNAU, 2008, p. 292). Portanto, as imagens são fruto da ação humana, visto que interpretam e recriam o mundo como representação, causando grande fascínio naqueles que entram em contato com elas por meio da visão, pois é através dos olhos que elas são captadas e fixadas momentaneamente na retina de quem as vê, causando, por conseguinte, uma experiência sensorial e emotiva. Todavia, elas vão além da instância das sensações que produzem esses efeitos visuais. Elas também são imagens

mentais, porque são fruto de uma percepção e "nos remete[m] a esfera cognitiva de reconhecimento, identificação, classificação e atribuição de significados" (PESAVENTO, 2008a, p. 18), como se tivéssemos um "museu imaginário interior pessoal":

> Para tanto, a imagem visual entra em contato com outras imagens, presentes no "arquivo da memória" que cada um traz consigo, ou no "museu imaginário" que todo homem carrega, e que abarca o visto, o sabido, o lido, o adquirido, o ouvido. Esse verdadeiro museu imaginário de representação do mundo varia em extensão e qualidade de acordo com os referenciais de tempo e espaço, importando em experiência de vida, formação profissional, universo cultural, geração, territorialidade, etc. (PESAVENTO, 2008b, p. 101).

Podemos nos perguntar quais são os significados das imagens imaginárias expostas por meio das palavras nos textos, porque, por detrás desses pressupostos, existe todo um conjunto de elementos que os torna possíveis. Portanto, as duas propriedades da imagem, tanto a física quanto a semântica, estão indissociáveis. Além disso, textos e imagens carregam em si e explicam "imaginários de sentido. Mais do que isso, sempre é possível realizar como que uma troca de lugares entre o *dar a ler* e o *dar a ver*: as imagens contêm discursos e os textos remetem a imagens, visuais e mentais" (PESAVENTO, 2008b, p. 109). Assim como as imagens pictóricas, no sentido literário, elas estão repletas de intenções e sensibilidades que são o resultado da visão de alguém em determinado momento da história.

De fato, diante dos acontecimentos, os indivíduos têm e expressam as mais diversas sensações e emoções. Como, então, tais sentimentos e emoções foram interpretados, elaborados, compartilhados e transformados em estratégias de ação? Esses imaginários e representações fazem parte da vida social, constituindo-a e modificando-a. Todo um conjunto de fenômenos culturais expressa essas sensibilidades e experiências cotidianas dos indivíduos, instigando-nos, assim, a pensar quais são as imagens representadas por um indivíduo inserido em determinado contexto (VELLOSO, 2008).

Muitos textos retratam essa necessidade de definir um lugar e uma determinada identidade, criando um verdadeiro arcabouço de imagens textuais que são suscitadas a despertar certas emoções estéticas, tocam os sentidos e sensibilizam aqueles que entram em contato com elas. Por fim, acabam por "compartilhar a experiência de uma ação conjunta" (VELLOSO, 2008, p. 330). Portanto, são verdadeiros "espelhos" que refletem e criam uma "alma social".

Por meio de testemunhos, como tratados políticos, códigos jurídicos, manuais ou "espelhos de príncipes" e outras tantas obras literárias medievais, podemos verificar que

existe a preocupação em desvelar uma imagem ideal. Assim, para estudar os fundamentos ideológicos dessas imagens e símbolos, precisamos considerar o tipo de linguagem empregada. Segundo Fátima Pavón Casar (2009, p. 46), a concepção de realeza, por exemplo, molda-se a partir de um conjunto de lendas, mitos, crenças e ritos, a fim de alcançar uma grande capacidade propagandística e de legitimação do monarca. Dessa forma,

> [...] o chefe é belo, forte, justo e corajoso; é o senhor do solo e do subsolo, o protetor do homem comum, o fiador da paz, o mecenas ocasional e o chefe da guerra sempre. Tem uma função de origem espiritual que, a exemplo do santo Rei Luís, é exercida em sua vida privada; assim que sagrado, é homem de Igreja a quem não se pode recusar nem a fé nem o imposto. É quase em essência um "bom rei" (FOSSIER, 2018, p. 227).

Um dos meios de propaganda mais utilizados são os relacionados aos escritos literários. Eles são um tipo de infraestrutura básica para sustentar a ação do governo e a coesão com a comunidade. Por exemplo, no período medieval, o gênero literário "espelhos de príncipes" (*specula principum*) possuía essas reflexões morais e políticas que, por sua vez, estavam interligadas às concepções cristãs sobre a virtude. Muitas vezes, esse gênero literário foi chamado de "manuais", "guias", que direcionavam os príncipes e os primogênitos dos reis (HAHN, 2006, p. 152).

Tais textos, que ganharam fama desde o século XIII, no contexto da Cristandade,

> [...] adquiriram um caráter mais prático do que propriamente teórico, ou seja, foram escritos para serem empregados não apenas na educação do futuro príncipe, mas também para serem utilizados pelos reis em exercício (REIS, 2009, p. 265).

Esses ensinamentos também poderiam ser repassados, sucessivamente, para os próximos soberanos. Assim, percebe-se que os "espelhos de príncipes" trazem uma rica produção de palavras e frases que, muitas vezes, representam o ideal monárquico de maneira crítica e apologética. Por exemplo,

> Em Castela, Fernando III havia mandado escrever, por volta de 1237, um *Espelho de príncipe*, para educação de Alfonso, que recebeu o título de *Libro de los doze sábios*. O autor era um cristão, provavelmente, um dos estudiosos que trabalhavam no *scriptorium* do rei. Nesta obra, doze sábios proferem sentenças tiradas da Bíblia, especialmente do *Novo Testamento*, juntamente com apólogos extraídos de obras didáticas orientais (REIS, 2009, p. 266).

Os “espelhos de príncipes” tiveram seu apogeu no século XV e se articularam com os moralistas da Renascença pela valorização das virtudes como “prudência, magnanimidade, temperança e justiça” (HAHN, 2006, p. 154).

Nesse sentido, alguns manuais de mercadores, ao estilo dos *specula principum*, assumem a mesma característica, apresentando, entretanto, a imagem do mercador perfeito. É o caso da fonte desta dissertação, o *Livro da arte do comércio*, de Benedetto Cotrugli. Nele, a “civilidade” do mercador vincula-se à prudência e aos ideais de sinceridade, honestidade, moderação, discernimento e religiosidade, atributos que definem a imagem do mercador ideal no contexto da Cristandade de fins da Idade Média.

A definição da imagem do mercador ideal aparece já na estruturação do manual de Benedetto Cotrugli:

> Desde o nosso primeiro livro lidamos com a essência, com a utilidade e a adequação da atividade mercante, e no nosso segundo livro, lidamos com religião, que é o principal fundamento da vida honrada que refina a alma e nos guia para o nosso tão desejado fim, compete-nos agora examinar propriamente, seguindo o nosso programa o que resta ser tratado, o mais louvável atributo que aperfeiçoou a vida dos homens em todas as épocas, em todas as condições, quais fossem as formas de existência que eles levaram: isto é, a conduta moral e cívica da vida de acordo com as virtudes presentes na civilização humana, uma qualidade essencial para qualquer bom mercador[41] (COTRUGLI, 2017, p. 111).

Segundo Mircea Eliade (1991), as imagens pertencem ao que podemos chamar de “substância da vida espiritual” do ser humano. Podemos degradá-las, modificá-las, camuflá-las, mas nunca podemos extirpá-las. Essas imagens nostálgicas e, muitas vezes, utópicas demonstram mais do que os sentimentos daqueles que as expressam por meio das palavras. Elas, às vezes, significam e envolvem a própria situação do homem.

Assim como símbolos e mitos, as imagens pictóricas e literárias

> [...] não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser [pois]
> [...] escapando a historicidade, o homem não abdica da qualidade de ser humano para se perder na “animalidade”; ele reencontra a linguagem e, às

[41] No original: “Since in our first book we dealt with the essence, the usefulness and the proper exercise of the merchant’s trade, and in our second with religion, which is the principal foundation of the righteous life that refines the soul and guides us to our much desired end, it seems incumbent on us now to examine properly, following our programme for what remains to be dealt with, that most commendable attribute that has perfected the life of the men of every epoch, of every condition, whatever kind of existence they led: and that is, the moral and civil conduct of life according to the virtues attendant on human civilisation, a quality essential to any good merchant” (COTRUGLI, 2017, p. 111).

> vezes, a experiência de um "paraíso perdido". Os sonhos, os devaneios, as imagens de suas nostalgias, de seus desejos, de seus entusiasmos etc., tantas forças que projetam o ser humano historicamente condicionado em um mundo espiritual infinitamente mais rico que o mundo fechado do seu "momento histórico" (ELIADE, 1991, p. 8-9).

A afirmação de Eliade (1991) ajuda-nos a entender a imagem do mercador definida por Benedetto Cotrugli no *Livro da arte do comércio*. Seu manual assemelha-se aos "espelhos de príncipes", na medida em que apresenta as virtudes que definem o mercador ideal, bem como as regras de conduta necessárias à sua profissão na atmosfera das Cidades-Repúblicas italianas nos finais da Idade Média.

3.2 As virtudes e qualidades do mercador ideal

A partir do século XI, quando os excedentes agrícolas, o crescimento populacional e o ressurgimento das cidades se tornaram evidentes, os mercados ganharam mais vida e amplitude. Isso, consequentemente, aumentou o contingente de comerciantes e fez fervilhar a cultura.

O renascimento do comércio acabou por alterar completamente o caráter das cidades. De fortificadas sedes da administração episcopal, cerimônias religiosas e mercados locais, muitas delas passaram a ser centros comerciais e morada de mercadores, artesãos e demais comerciantes e indivíduos vindos do campo e que buscavam trabalhar nas indústrias e no comércio em desenvolvimento para se abrigarem dos perigos, conseguirem algum meio de subsistência e melhorarem a sua qualidade de vida. Era impossível aos clérigos fechar os olhos frente à nova conjuntura social que estava se formando no seio da Cristandade. Eles não poderiam ignorar o fato de que a agricultura havia diminuído em importância relativa e as cidades e vilas prosperavam e, para se mostrarem vivas, dependiam do comércio e da indústria (ROOVER, 1967, p. 10).

Uma renovada luz da Escolástica se encontrava sobre as cidades medievais. Na vida leiga desses espaços, viu-se a oportunidade de elaborar uma ética cristã vinculada às atividades comerciais, demonstrando quão importante eram as virtudes econômicas e sua prática adequada à espiritualidade cristã.

Consequentemente,

> O respeito e a riqueza que eram recompensas da atividade comercial cristã foram de singular importância para a formação da identidade social, da autoimagem e das motivações inspiradoras da classe mercante. A conduta comercial era para obedecer a certo padrão de sociabilidade, na verdade, um elevado padrão da perfeita intenção de sociabilidade[42] (HANSSEN, 2016, p. 159).

Desse modo, a disciplina e o senso de dever cívico, aliados à boa conduta, eram essenciais para o reconhecimento social e a afirmação da imagem do mercador, pois a "Revolução Comercial", da qual ele foi protagonista, insere-se em um contexto maior de "padronização" dos comportamentos: a Cristandade. A Igreja, base da representação social na Idade Média, tinha como pauta a coerência espiritual. Assim, o trabalho deveria servir ao bem comum e não à busca da riqueza individual. Consequentemente, o desejo de ganhar mais do que o necessário à sobrevivência maculava a salvação da alma:

> [...] a salvação dos mercadores será a mais difícil de preparar: senhores do tempo e do número, atributos que deveriam ser só de Deus, levando uma vida equívoca e suspeita e animados pela preocupação de realizar por si próprios sua salvação, eles são normalmente suspeitos de agir em nome do diabo, e com frequência a Igreja repugna a lhes dar a sua confiança e sua caridade (FOSSIER, 2018, p. 293-294).

Todavia, as transformações econômicas e sociais decorrentes da "Revolução Comercial" promoveram, ainda que sem uma intencionalidade declarada, uma mudança na forma de pensar da Igreja, adequando-se ao novo contexto. Era preciso inserir uma parcela cada vez maior e diversificada de indivíduos na vida religiosa. Por esse motivo, surgiram instituições que se identificaram com o ambiente citadino, como as ordens franciscanas e dominicanas. Esses homens, empenhados nos ideais de caridade, pobreza voluntária, ascetismo purificador e clareza intelectual sobre a ordem sagrada e a vida moral, chegaram aos centros urbanos com toda uma extraordinária e elaborada teologia moral (HANSSEN, 2016, p. 158).

Os franciscanos e dominicanos gozaram de certo prestígio entre os mercadores. Muitos desses "homens de negócios" demonstravam o desejo de serem enterrados em cemitérios nas cercanias dos conventos religiosos, além de nominá-los em seus testamentos. Segundo Jaume Aurell,

---

[42] No original: "The respect and wealth that were the rewards of Christianly conducted commercial activity were of singular import in the formation of the social identity, self-image and inspiring motivations of the merchant class. Commercial conduct was to conform to a certain standard of sociability, indeed to an exalted standard of perfect sociability of intention" (HANSSEN, 2016, p. 159).

> A partir do século XIII os mendicantes consolidam-se como os autênticos interlocutores dos mercadores, em sua relação com a Igreja. Trata-se de um interesse recíproco: os dois grupos (mercadores e mendicantes) eram um produto genuinamente urbano, sendo que o monarca soube aproveitar esse entendimento para se fortalecer como instituição. Nessa corrente de interesses comuns os mendicantes justificaram, à luz da doutrina, muitas das atuações dos mercadores e estes, por sua vez, decidiram fazê-los participar de sua intimidade e os acolheram como confessores e executores de suas últimas disposições (AURELL, 2008, p. 200-201).

Para Jacques Le Goff (2004), na aura renascentista de fins da Idade Média, a nova teologia moral refletiu na figura pública do comerciante, supostamente mais propensa ao pecado da usura. É visível a aproximação entre os mercadores, protagonistas da economia urbana, e as novas ordens religiosas, inseridas, elas próprias, na esfera da produção e circulação da riqueza.

Para Michel Le Mené,

> O desenvolvimento econômico havia favorecido a harmonia entre as famílias e multiplicado o apelo do trabalho para os auxiliares encarregados de, através deles, transformar bens dos quais não eram proprietários, mas depositários, e, de certa forma gerentes; dentro de tal contexto, a proibição do juro já não se justificava totalmente. Paralelamente, o papel desempenhado por certos mosteiros como estabelecimento de crédito, em particular dos templários na transferência de capitais e recuperação das dívidas, junto com a necessidade que tinham os monarcas e os papas de recorrer aos cambistas banqueiros, levaram a uma espécie de cumplicidade entre o mundo do comércio e as autoridades temporais e espirituais. A adoção da religião por filhos de mercadores e o acesso a alguns deles a funções hierárquicas mais elevadas não foram, sem dúvida, estranhas a essa mudança (LE MENÉ, 1969, p. 119).

A figura pública do comerciante se tornou cada vez mais evidente junto às autoridades religiosas e intelectuais, fomentando uma verdadeira e comum prática religiosa leiga, dada a importância dos bens e serviços oferecidos pelos comerciantes. Isso revela, também, que a atividade econômica ganhou valor religioso e social, pois colaborava com o bem-estar da sociedade. Ao mesmo tempo, firmou-se uma imagem ideal de "homem de negócios" digno de reconhecimento pela Igreja. Os mercadores deveriam apresentar qualidades como prudência, honestidade, paciência e moderação e agir, antes de tudo, como cristãos.

As ordens mendicantes influenciaram pensadores e humanistas da época a formularem uma imagem ideal e cada vez mais frequente do mercador, especificando quais deveriam ser as sutilezas de seu caráter no exercício da profissão, no âmbito espiritual, bem como em todas

as outras instâncias da vida, para obterem um bem maior: a salvação de suas almas. Para ascenderem socialmente, tendo sua profissão reconhecida e valorizada, deveriam seguir tais ideais na realização dos serviços à comunidade cristã (HANSSEN, 2016, p. 159).

Segundo Robert Fossier,

> Essa coerência apoia-se na virtude, isto é, na coragem, no mérito, na energia, física ou moral, que, segundo os antigos, distinguiam o homem do animal. Esse esforço no sentido do interesse do bem comum deve ser espontâneo e não precisa de nenhum código. No entanto, os doutos desses séculos se esforçaram para enquadrá-lo segundo um espírito de sistema que é uma das marcas da "cultura" ocidental (FOSSIER, 2018, p. 291).

Essa tradição encontrada no pensamento econômico e na ética escolástica deriva, em muitos casos, da visão aristotélica. Grosso modo, para Aristóteles, a vida política do homem é natural e possui um duplo sentido. Primeiro, quando o homem estabelece uma determinada relação de trocas econômicas com outros agregados além da sua unidade familiar, pelas próprias necessidades existentes dentro do núcleo familiar ao qual pertence, firma "associações" que terão, por fim, a formação da cidade. Logo, esta é natural, pois é o começo de um progresso que visa à perfeição humana e ao bem-estar de toda comunidade. Assim, a cidade é vista por Aristóteles como uma formação natural, porque cresce a partir de associações naturais e surge das lutas diárias da vida familiar, que visam suprir suas necessidades humanas básicas, por meio da produção de bens que são trocados economicamente com outras famílias, consequentemente, formando aldeias. Da mesma forma que essas aldeias não conseguem mais suprir as necessidades da vida humana, a cidade surge. Essas associações mais amplas se encontram sujeitas a regras de conduta imprescindíveis para o bem-estar e o sucesso em comunidade (HANSSEN, 2016, p. 160).

Para Aristóteles, então,

> A Cidade é uma sociedade estabelecida, com casas e famílias, para viver bem, isto é, para se levar uma vida perfeita e que se baste a si mesma. Ora, isso não pode acontecer senão pela proximidade de habitação e pelos casamentos. Foi para o mesmo fim que se instituíram nas cidades as sociedades particulares, as corporações religiosas e profanas e todos os outros laços, afinidades ou maneiras de viver uns com os outros, obra da amizade, assim como a própria amizade é o efeito de uma escolha recíproca.
> O fim da sociedade civil é, portanto, viver bem; todas as suas instituições não são senão meios para isso, e a própria Cidade é apenas uma grande comunidade de famílias e de aldeias em que a vida encontra todos estes meios de perfeição e de suficiência. É isto o que chamamos de uma vida feliz e honesta. A sociedade civil é, pois, menos uma sociedade de vida

> comum do que uma sociedade de honra e de virtude (ARISTÓTELES, 2000, p. 55-56).

Em segundo lugar, na medida em que o homem vai desenvolvendo a sua intelectualidade e a sua ética por meio de atividades consideradas virtuosas, ele se distingue das bestas e dos deuses, inclinando-se à vida familiar e urbana, que é, em si mesma, requisito essencial para perfeição humana. Diante dos propósitos da vida na *polis*, o homem precisa florescer intelectualmente, levando a vida política dentro dos princípios éticos e morais, de acordo com as suas faculdades mentais superiores possibilitadas pela própria natureza humana (HANSSEN, 2016, p. 160).

Segundo Aristóteles,

> [...] o homem é um animal cívico, mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos. A natureza, que nada fez em vão, concedeu apenas a ele o dom da palavra, que não devemos confundir com os sons da voz. Estes são apenas a expressão de sensações agradáveis ou desagradáveis, de que os outros animais são, como nós, capazes. A natureza deu-lhes um órgão limitado a este único efeito; nós, porém, temos mais, senão o conhecimento desenvolvido, pelo menos o sentimento obscuro do bem e do mal, do útil e do nocivo, do justo e do injusto, objetos para as manifestações dos quais nos foi principalmente dado o órgão da fala. Este comércio da palavra é o laço de toda sociedade doméstica e civil.
> O Estado, ou sociedade política, é até mesmo o primeiro objeto a que se propôs a natureza. O todo existe necessariamente antes da parte. As sociedades domésticas e os indivíduos não são senão as partes integrantes da Cidade, todas subordinadas ao corpo inteiro, todas distintas por seus poderes e suas funções, e todas inúteis quando desarticuladas, semelhantes às mãos e aos pés que, uma vez separados do corpo, só conservam o nome e a aparência, sem a realidade, como uma mão de pedra. O mesmo ocorre com os membros da Cidade: nenhum pode bastar-se a si mesmo. Aquele que não precisa dos outros homens, ou não pode resolver-se a ficar com eles, ou é um deus, ou um bruto. Assim, a inclinação natural leva os homens a esse gênero de sociedade (ARISTÓTELES, 2000, p. 5-6).

Destarte, a vida em comunidade adquire um duplo objetivo: suprir as necessidades materiais humanas e proporcionar o desenvolvimento moral e ético, portanto, qualquer conduta fora desses fins almejados é considerada antinatural e proibida. Logo, as trocas implicam o problema da igualdade e da justiça social, porque esses dois termos estão indissociáveis para Aristóteles. Ele não elogia a produção para a troca nem a arte do comércio, pois essa busca desenfreada pela riqueza é vista como não natural, referida como *Kapelike*.

> Em vez disso, Aristóteles, parece equacionar o natural com o ético e o modo concebido pela razão como desejo infinito excessivamente absorvido pela riqueza material contrário a todo propósito de produção para satisfazer as necessidades familiares dentro do limite do que é suficiente para viver uma vida boa[43] (HANSSEN, 2016, p. 166).

Assim, a busca pelo aumento da riqueza fora desses parâmetros leva à perversão ética individual e à perda dos verdadeiros e morais fins da vida comunal na cidade, acabando por corromper toda sociedade. Para Aristóteles, as trocas devem estar ligadas à administração doméstica "necessária e louvável" e ao comércio varejista que é "justamente censurado". Em suma:

> [...] nós poderíamos dizer que, para Aristóteles, não é tanto a extensão do mercado que limita a produtividade, mas que a suficiência ética da produtividade deve limitar a necessidade por uma sociedade de mercado. Esse limite e a censura do comércio que excede à necessidade, estão ligados à preocupação com a noção de que tais atividades não são tão somente contrárias à ética individual e à perfeição humana, mas à harmonia social estabelecida pela justiça na medida em que potencialmente converte todos em buscadores de dinheiro e ameaçam a equidade da troca de mercadorias. A arte da economia, pertencente à família, apenas perifericamente toca uma forma limitada de comércio que Aristóteles tolera com grande reserva, enquanto desaprova tudo o que visa riqueza *per se*[44] (HANSSEN, 2016, p. 167-168).

Autores escolásticos como São Tomás de Aquino (1225-1274), no entanto, não denunciaram tão sumariamente a produção para as trocas assim como o fez Aristóteles. Ao contrário, eles apontam o ganho, que é o fim do comércio, como algo necessário e não contrário à virtude, pois é o pagamento pelo trabalho empenhado (FOURQUIN, 1991, p. 286).

A ampliação dessas concepções e a ênfase na intencionalidade permitiram a inserção da atividade comercial nos parâmetros considerados lícitos no contexto de expansão do século XIII. Assim, a Escolástica preocupou-se com os princípios éticos e a intencionalidade,

---

[43] No original: "Instead, Aristotle, appears to equate the natural with the ethical and the way devised by reason as grossly absorbing infinite desire for material wealth contrary to the whole purpose of production to meet one's household needs within the bounds of what is sufficient to live the good life" (HANSSEN, 2016, p. 166).

[44] No original: "[…] we might well say that, for Aristotle, it is not so much that the extent of the market limits productivity but that the ethical sufficiency of productivity ought to limit the need for a market society. That limit and the censure of trade which goes beyond it are joined to concern with the notion that such activities were not only contrary to individual ethics and human perfection, but to the social harmony established by justice inasmuch as it potentially converts everyone into money seekers and threatens the equality of goods exchanged. The art of economics, belonging as it does to the household, only peripherally touches upon a limited form of commerce that Aristotle condones with great reservation while disapproving of all that aims at wealth-getting *per se*" (HANSSEN, 2016, p. 167-168).

reconhecendo que o comerciante poderia praticar sua profissão com boas intenções, ética e prudência, tendo em vista suprir suas necessidades, além de proporcionar o bem-estar social (HANSSEN, 2016, p. 168-169).

Tomás de Aquino fala sobre a *prudentia*, contida na *Summa Teológica*, requisito essencial para um mercador exemplar. Todavia o significado da palavra "prudência" sofreu transformações semânticas com o passar do tempo. O sentido dessa palavra era outro para Tomás de Aquino, significava a grande virtude, e não meramente a conhecida cautela de quem se encontra indeciso diante da necessidade de tomar alguma decisão:

> Ao contrário, *prudentia* expressa exatamente o oposto: é a arte de decidir corretamente, isto é, com base não em interesses oportunistas, não em sentimentos piegas, não em impulsos, não em temores, não em preconceitos etc., mas, unicamente, com base na *realidade*, em virtude do límpido conhecimento do ser. É esse conhecimento do ser que é significado pela palavra *ratio* na definição da *prudentia*: *recta rato agibilium*, "reta razão aplicada ao agir", como repete, uma e outra vez, Tomás.
> *Prudentia* é ver a realidade e, com base nela, tomar a decisão certa. Por isso, como repete Tomás, não há nenhuma virtude moral sem a *prudentia*, e mais: "sem a *prudentia*, as demais virtudes, quanto maiores fossem, mais danos causariam" (*In III Sent. D 33, q 2, a 5, sc 3*). Com as alterações semânticas, porém, tornou-se intraduzível, para o homem de nosso tempo, uma sentença de Tomás como: "a *prudentia* é necessariamente corajosa e justa"
> [...]
> Mas esse ver a realidade é somente uma parte da *prudentia*; a outra parte, ainda mais decisiva (literalmente), é transformar a realidade vista em decisão de ação, em comando: de nada adianta saber o que é bom se não há a decisão de realizar esse bem... (LAUAND, 2005, p. IX-XI).

Para Benedetto Cotrugli, a prudência é uma virtude fundamental à "arte do comércio" e necessária ao mercador, mais do que a qualquer outro profissional:

> (f. 63') Mesmo que a prudência seja uma virtude geral e própria para todos os níveis e condições da humanidade, ela é, não obstante, em certo sentido mais relevante, indicada e própria para mercadores do que outros tipos de homens, na medida em que, outras coisas, outros negócios e profissões subsistem e são organizados sobre regras determinadas e consolidadas e regulações, enquanto que o comércio sozinho é conduzido com base no julgamento, dos quais a prudência é um ingrediente essencial. Prudência é o principal componente da integridade e compreende a diferenciação entre o bom e o mau e consiste em lembrar o passado, avaliar o presente e assegurar o futuro, como diz Boécio em *De Consolatione*: "Não basta ver o que é diante dos nossos olhos, mas a prudência deve avaliar o resultado das coisas". E como Túlio diz: "Este é o principal mérito do intelecto, averiguar com antecedência o que pode acontecer, bom ou mau, e o que pode ser feito, e nunca estar na posição de ter que dizer 'eu nunca teria acreditado'". Os erros do mercador são susceptíveis a serem amplamente prejudiciais ou irreparáveis, portanto, ele deve manter-se lúcido, prudente e estar preparado

> para tudo; ele deve entender as coisas em mal-entendidos e tomar decisões prudentemente e ser cauteloso em todas as suas transações, e estar preparado para ser flexível quando necessário e chegar a decisões e soluções quando ocorrerem infortúnios. E a partir da prudência, ele obterá previsão, cautela, discrição e flexibilidade[45] (COTRUGLI, 2017, p. 116).

Essas habilidades e as vantagens decorrentes de sua aplicação prática ampliavam cada vez mais os espaços de atuação dos mercadores em todo o Ocidente. De acordo com Robert S. Lopez,

> Tanto os senhores como as cidades estariam então dispostos a interromper qualquer guerra, reduzir quaisquer tributos ou impostos, a anular as restrições que pesavam sobre a residência e as actividades dos estrangeiros, a concederem justiça rápida e informal de acordo com a lei comercial internacional, a cunhar em abundância moeda de boa qualidade e uniforme, a reconhecer e fazer cumprir os contratos escritos ou verbais, a renunciar a costumes tão detestáveis como a *aubaine* (confiscação da propriedade dos estrangeiros falecidos), o *jus naufragii* (captura dos bens, e por vezes dos sobreviventes, de um navio naufragado), e a retaliação (confiscação das mercadorias de todos os associados de um mercador faltoso). Mesmo os príncipes mais ambiciosos e as cidades mais proteccionistas reconheciam, regra geral, que eram necessárias pelo menos concessões temporárias para manter um mercado em funcionamento, e que este produziria dinheiro e provisões que compensariam a supressão dos encargos normais (LOPEZ, 1986, p. 101).

Os grandes mercadores, além da dignidade e da respeitabilidade, buscavam reconhecimentos públicos das grandes famílias mercantis que exerciam um papel social e ação política dentro da cidade. Eram eles que trilhavam os caminhos para o reconhecimento social e a associação entre as virtudes profissionais privadas e as virtudes morais gerais, bem como eram a eles que se destinavam os manuais de mercadores, como menciona Benedetto Cotrugli:

---

[45] No original: "(f. 63) For all that prudence is a general virtue and proper to every rank and condition of mankind, it is none the less in some sense more relevant, suitable and proper to the merchant than to other sorts of men, in so far as other things, other trades and professions, subsist and are organised on the basis of particular and firm rules and regulations, while trade alone is conducted on the basis of judgement, of which prudence is na essential ingredient. Prudence is the principal component of integrity and encompasses the differentiation of the good from the bad, and consists in remembering the past, assessing the present and providing for the future, as Boethius says in *De Consolatione*: "It is not enough to see what is in front of our eyes, but prudence must assess the outcome of things". And Tully says: "This is the chief merit of the intellect, to ascertain in advance what may come to pass, good or bad, and what can be done about it, and never be in the position of having to say 'I would never have believed it'". Merchant's errors are liable to be largely damaging or irreparable, and he must therefore keep a clear head, be prudent and ready for everything; he must grasp things without misunderstanding and take decisions prudently and be circumspect in all his dealings,and be prepared to be flexible as called for and arrive at decisions and remedies when misfortunes occur. And from prudence he will derive foresight, caution, discretion and flexibility" (COTRUGLI, 2017, p. 116).

> A prosperidade, as vantagens e a solidez do Estado derivam, em grande parte, dos comerciantes, e eu não me refiro sempre a comerciantes vulgares e plebeus, mas àqueles estimados comerciantes que estabelecemos como modelos neste ensaio[46] (COTRUGLI, 2017, p. 112-113).

Existia um profundo e verdadeiro sentimento religioso entre os membros do estamento mercantil. Para Benedetto Cotrugli, o mercador ideal deve realizar uma oração com boa intenção, não pode fazê-la de forma que perca seu zelo e concentração. Assim, deve ser devoto e observador, aquele que se prostra de joelhos, levanta suas mãos ao céu, fecha os olhos e, de corpo e alma, dedica sua oração para o Senhor:

> Por isso digo, sem desejar negar a qualquer pessoa sua forma de devoção, que para mim o mercador mais devoto e observante é aquele que, piedosamente de joelhos, com as suas mãos levantadas aos céus, olhos fechados, mente focada em suas orações, com a visão em seu coração e lágrimas em seus olhos, faz o sinal da cruz e repete a oração de nosso Senhor devotamente, sem mutilar suas palavras ou permitir que sua mente devaneie, com isso evitando parecer um blasfemador enquanto recita os salmos.
> Há mais três qualificações necessárias para orar se se deseja ser aceito: que seja um pedido por aquilo que é necessário para a salvação, que seja formulada com firmeza e devoção[47] (COTRUGLI, 2017, p. 92).

Essa devoção também se encontrava presente em solenidades comerciais, contratos e demais documentos de negócios. Muitos deles se iniciavam com invocações a Deus, juramentos e denotando boa-fé. Deus se tornava uma testemunha dos tramites comerciais. Assim, os contratos não poderiam ser quebrados, pois, consequentemente, desonravam-no (SAPORI, 1970, p. 22).

Para concluir, é possível afirmar que a Igreja acolheu o mercador, admitiu suas práticas e "moralizou" os costumes e as atitudes no âmbito dos negócios. Em outras palavras, "levou os mercadores a aperfeiçoar os seus métodos, a recorrer a sutilezas" (LE GOFF, 1991, p. 99).

---

[46] No original: "The prosperity, advantages and soundness of the state derive in large measure from merchants, and I refer as always not to vulgar and plebeian traders, but to those estimable merchants we have set up as paragons in this essay" (COTRUGLI, 2017, p. 112-113).

[47] No original: "For which reason I say, without wishing to deny anyone their own form of devotion, that to me the most devout and observant merchant is he who, piously on his knees, with his hands raised to the skies, his eyes closed, his mind wholly intent on his prayers, with a sigh in his heart and tears in his eyes, makes the sign of the cross and repeats The Lord's Prayer devoutly, without mangling his words or allowing his mind to wander, and thus avoids appearing a blasphemer when he recites the psalms.
There are three further qualifications necessary to prayer if it is to find acceptance: that it be a request for things necessary to salvation, that it be formulated steadfastly and with devotion" (COTRUGLI, 2017, p. 92).

3.3 O ambiente doméstico e profissional: a casa e o escritório do mercador

Nos tópicos anteriores, discutimos o conceito de imagem buscando entender o perfil de mercador traçado por Benedetto Cotrugli no *Livro da arte do comércio*. Discutimos, também, as virtudes e as qualidades pertinentes à figura do mercador ideal, com destaque para a religiosidade que, segundo o autor, forma um dos pilares desse profissional, agora devidamente inserido e aceito no âmbito da Cristandade de fins da Idade Média.

Neste item, abordamos aspectos ideais do ambiente doméstico do mercador medieval no *Livro da Arte do comércio*, dando ênfase à estrutura de sua casa e ao ambiente profissional.

Para Jaume Aurell, estudar esses espaços significa

> [...] penetrar no âmbito da vida cotidiana daquela época para descrever os elementos mais característicos da cultura cotidiana do mercador. Deste modo, se entende também melhor o papel da vida privada do homem medieval (AURELL, 2008, p. 128).

Para Georges Duby (1990), o adjetivo privado remete à ideia de família, do doméstico, de casa, de interior. Charles de La Roncière (1990, p. 163) entende que "viver privadamente é antes de tudo viver em casa, em família. A família constitui o coração do privado, cada um está convencido disso".

Os gestos elementares da "arte de fazer" são geridos na intimidade do lar, onde as pessoas se sentem confortáveis. No ambiente doméstico:

> O jogo das exclusões e das preferências, a disposição do mobiliário, a escolha dos materiais, a gama de formas e de cores, as fontes de luz, o reflexo de um espelho, um livro aberto, um jornal pelo chão, uma raquete, cinzeiros, a ordem e a desordem, o visível e o invisível, a harmonia e as discordâncias, a austeridade ou a elegância, o cuidado ou a negligência, o reino da convenção, toques de exotismo e mais ainda a maneira de organizar o espaço disponível, por exíguo que seja, e distribuir nele as diferentes funções diárias (refeições, toalete, recepção, conversa, estudo, lazer, repouso), tudo já compõe um "relato de vida", mesmo antes que o dono da casa pronuncie a mínima palavra (CERTEAU; GIARD, 2012, p. 204).

É no seio familiar que se gestam os valores morais, a cultura e as convicções dos mercadores medievais, pois "a família constitui a base de sua abertura ao mundo e da concreta maneira de considerar os assuntos vitais, tanto do ponto de vista profissional, quanto físico e lúdico" (AURELL, 2008, p. 146).

Podemos ver de maneira clara a preocupação de Benedetto Cotrugli com os assuntos do cotidiano logo no *Prefátio* do *Libro IV* da *Arte do comércio*, quando ele salienta que o comerciante não deve se dedicar somente à profissão, deve dar a devida atenção à família, à sua casa e aos seus bens:

> E isso não é menos merecedor da atenção de um mercador do que sua vida pública, seguindo a máxima de Valério Máximo: "De que serve o valor longe de nosso país, se nós mal moramos nele?" E igualmente Aristóteles expôs que o pai em cada casa deve ser considerado como o "rei de sua família", porque assim como um rei deve governar o seu reino, o pai de uma família deve governar e cuidar de sua família. E nenhum cuidado a menos, porque muitos, por negligência, sofreram grande vergonha e desprezo, de modo que era melhor que tivessem sido mortos. Por essa mesma razão, Ockham diria que assim como o pai deve ser o governador da sua família em assuntos espirituais, ele também deveria disciplinar seu comportamento. E se ele não fizer isso, ele o faz pior que os infiéis. Por isso, o ditado de São Paulo (1, Timóteo, 5) "Mas, se alguém não prover para os seus, e especialmente os da sua própria família, renega a fé e é pior do que um infiel". *di.* XLVII, *Necesse est.*, e o capítulo *Quantum libet*. E sobre o mesmo tema nós aprendemos com o Filósofo em *Economicis*: "Compete a todo homem vivo, quer em particular quer em público, mostrar um cuidado adequado para com todos, para com os deuses e para com os homens, mas particularmente com sua esposa, seus filhos e seus pais".
>
> E, portanto, tal como nós acabamos de dizer muitas vezes que o mercador não deveria se dedicar a si mesmo (f. 78') em um único empenho porque ele se tornará não mais do que um instrumento bruto útil para mais nada, então eu digo que ele não deve se concentrar apenas em acumular dinheiro, mas olhar para o funcionamento de sua família e adquirir casas e posses, porque nunca se sabe o que o destino pode ter reservado para ele. De fato, é essencial que ele tenha uma casa e outros bens, como diz Aristóteles, citando Hesíodo, segundo o qual, o pai de uma família deveria ter uma casa, uma esposa e um boi para arar seus campos. E, portanto, eu chamo o mercador que não tem nada além de dinheiro, de apostador, porque se ele perder seu dinheiro, que é algo que vemos com bastante frequência, terá que cavar valas[48] (COTRUGLI, 2017, p. 141-142).

[48] No original: "And this is no less worthy of a merchant's attention than his public life, following the saying of Valerius Maximus: "Of what use is valour far from our country, if we live badly within it?" And likewise Aristotle held that the father in every house should be regarded as "king of his household", because just as a king must govern his realm, so the father of a family must govern and have care of that family. And no small care, because many, from neglect, have incurred great shame and contempt, so that it were better they had been killed. For the same reason, Ockham would have it that, just as a father should be governor of his family in spiritual matters, he should also discipline their behaviour. And if he does not do this he is worse than the infidels. Hence St Paul's saying (1 Timothy, 5) "But if any provide not for his own, and specially for those of his own family, he hath denied the faith, and is worse than an infidel"; *di*. xlvii, *Necesse est.*, and the chapter *Quantum libet*. And on the same theme we learn from the Philosopher in *Economicis*: "It is incumbent on every living man both in private and in public to show a proper care towards all, to gods and to men, but particularly towards his wife, his children and his parents".

And therefore, just as we have already said many times that the Merchant should not dedicate himself (f. 78') to a single endeavour because he will become no more than a crude instrument useful for nothing else, so I say that he should not be intent on merely accumulating money but must look to the running of his family and acquire houses and possessions, because he can never know what fate might have in store for him. Indeed it is an essential good that he have a house and assets, as Aristotle says, citing Hesiod's pronouncement according to

Para Benedetto Cotrugli, o comerciante deve reservar uma parte de seus bens para empregá-la em coisas sólidas, pois todo homem munido de racionalidade deve fazer as coisas buscando um propósito satisfatório na vida. Isso porque, se um homem viver somente para acumular dinheiro, pensando que viverá para eternidade, poderá ser comparado a um animal, um ser sem cérebro, que vai ser sepultado no inferno (COTRUGLI, 2017, p. 142).

Benedetto Cotrugli, mercador experiente, com reconhecida cultura e disposto a ascender aos círculos de intelectuais italianos, observando os abusos e os erros cometido por seus pares, refletiu acerca da imagem do mercador em seu *Livro da arte do comércio*, abordando, inclusive, o âmbito doméstico, pois, para ele, a conduta familiar refletia na conduta profissional, sendo que ambas deveriam ser exemplo de civilidade.

De maneira geral, as casas das famílias mais enriquecidas, nas cidades italianas, eram espaçosas e confortáveis. De acordo com Charles de La Roncière, as habitações possuíam

> [...] uma cozinha [...] comumente inserida na casa (e não no pátio), embora relegada muitas vezes a um sótão do último andar; frequentemente também um pátio, um jardim, um celeiro, uma estrebaria, um poço privado, etc.; mais do que tudo, e este é o verdadeiro luxo, a família dispõe de dois (ou até vários) quartos, distribuídos entre os andares se se trata de uma casa, ou criados ao se desdobrar uma peça mais espaçosa por meio de uma divisão. As salas são instaladas de preferência no lado da fachada, os quartos (sobretudo os das mulheres), no lado do pátio (LA RONCIÈRE, 1990, p. 178).

Benedetto Cotrugli descreve a casa ideal do mercador no *Capitulo primo* do *Libro IV*, da *Arte do comércio*, intitulado *La casa*:

> A primeira condição que o homem dedicado à família deveria respeitar é que a casa que serve como sua morada deve refletir bem em todos, e a casa deve se encontrar nas seguintes condições. Primeiro, deve ser convenientemente localizada perto dos lugares onde os negócios são conduzidos, no Rialto em Veneza, a oeste geralmente o *Loggia*, em Florença, Nápoles e muitas outras cidades onde os bancos estão, em Milão no *Tocco*, em muitos outros lugares, a praça principal, e isto é para a conveniência do mercador, porque frequentemente ele deve ir até esses lugares ou enviar alguém até lá, a grande velocidade. Às vezes, não agir rápido o bastante o fará perder um bom bocado, e é uma prática comum entre os mercadores tomar da boca um do outro.

---

which the father of a family should have a house, a wife and na ox to plough his fields. And therefore I call the merchant who has nothing but money a gambler, because should he lose his cash, which is something we see often enough, he will have to dig ditches" (COTRUGLI, 2017, p. 141-142).

> Segundo, deve haver uma entrada digna de sua posição, para os estranhos que vierem visitá-lo e que só o conhecem pela reputação: uma casa bonita lhe dará muito crédito.
> Terceiro, deve haver no primeiro andar um espaço de escritório adequado às suas necessidades e acolhedor, com lugares para se sentar de todos os lados, e suficientemente isolado para não perturbar a família com a presença frequente de estranhos que o acompanham.
> Quarto, deve haver um salão de jantar espaçoso e bem iluminado, que no verão a aproximação do ar não o afastará do país, o que é a ruína para todos os negócios e uma perda geral dos ganhos.
> Quinto, deve haver (f. 79') quartos bem decorados e organizados, adequados à sua estação, sem excesso.
> Sexto, deve haver uma cozinha ampla e bem iluminada para preparar refeições próximas dos quartos dos criados.
> Sétimo, deve haver depósitos no piso térreo, como adegas para vinho, depósitos para madeira, estábulos para cavalos.
> Oitavo, deve haver depósitos nos andares superiores, como granéis para o milho, despensas para pão, queijo, carnes em conserva, vegetais e outras provisões, tudo com chave e fechadura.
> Nono, deve haver salas separadas para os criados, para que não se misturem com as mulheres da casa, sem acesso imediato de uma parte à outra.
> Décimo, deve haver latrinas ou sanitários para higiene da família, e instalações para jogar fora a água suja.
> Décimo primeiro, deve haver água em casa e banheiros para que os criados não precisem sair de casa para lavar ou por outros motivos.
> Décimo segundo, deve haver espaços abertos que recebam a luz do sol, onde o que foi lavado possa secar; boas portas sólidas e fechaduras seguras em todos os lugares; e quem se delicia com a literatura não deveria ter que manter seus livros nas áreas comuns de escrita, mas deveria ter uma pequena mesa própria em seu quarto ou pelo menos nas adjacências, onde eles podem estudar quando têm tempo livre, o que é atividade muito honrosa e digna de glorificação[49] (COTRUGLI, 2017, p. 143-144).

[49] No original: "The first condition the dedicated family man should respect is that the house which serves as their habitation should reflect well on all of them, and that house should meet the following conditions. First, it should be conveniently sited near the places where his business is conducted, at the Rialto in Venice, in the West generally the *Loggia***,** in Florence, Naples and many other cities where the banks are, in Milan at the *Tocco*, in many other places the main square; and this adjacency is for the convenience of the merchant, because often he must go there, or send someone, at all speed, for sometimes not to act speedily will lose him the tastiest morsel, not least because it is common practice among merchants to snatch such morsels from their fellows' mouths.
Second, it should have an entrance worthy of your standing, for the strangers that come visiting who know you only by reputation: a handsome house will earn you much credit.
Third, it should have on the first floor an office space suitable for your needs and welcoming, with places to sit on every side, and sufficiently secluded not to upset the household with the frequent presence of strangers come to reckon up with you.
Fourth, it should have a spacious and bright dining-hall, so that in the summer the closeness of the air will not drive you out to the country, which is the ruin of all business and a general forfeiture of gain.
Fifth, it should have (f. 79') well-decorated and orderly bedrooms, suitable to your station, without excess.
Sixth, it should have an ample and well-lit kitchen to make meals near to the room of the servants.
Seventh, it should have storerooms on the ground floor, such as cellars for wine, depositories for wood, stabling for horses.
Eighth, it should have further storerooms on the upper floors, such as granaries for corn, larders for bread, cheese, preserved meats, vegetables and other provisions, and all under lock and key.
Ninth, it must have separate rooms for the servants so that they do not mix with the women of the house, without ready access from one part to another.
Tenth, it should have latrines or water closets for the hygiene of the household, and facilities for throwing out dirty water.

Para Charles de La Roncière (1990), o tamanho e as divisões das casas definiam o nível social dos moradores. No caso dos mercadores, as casas mais luxuosas pertenciam, evidentemente, aos homens de negócios vinculados, em sua maioria, às grandes companhias de comércio.

Devido à vida sedentária do mercador, que se torna mais comum a partir dos séculos XIII e XIV, as casas passaram a contar com escritórios onde eram organizados os negócios:

> [...] os escritórios, que na Itália baixo-medieval recebem o nome de *studia*, apresentam um notável dinamismo funcional que se manifesta ao longo do tempo e do espaço. Do tempo, porque os escritórios se generalizam a partir do século XIV, devido ao crescimento das atividades organizativas do mercador e a consequente vida sedentária, do espaço, porque assumem funções muito diferentes daquelas exercidas pelos escritórios das moradias rurais, que não guardavam tanta relação com as atividades profissionais (AURELL, 2008, p. 164).

Como evidenciamos, para Benedetto Cotrugli, a casa ideal deveria possuir, logo no primeiro andar, um escritório apropriado para o mercador receber as visitas, com mobílias adequadas e lugares para sentar, uma decoração bem planejada e apropriada. Esse espaço deveria ser localizado em uma área estratégica da casa para que não incomodasse a família com a constante presença de estranhos (COTRUGLI, 2017, p. 143).

O mobiliário é um elemento que também revela o *status* social. Françoise Piponnier explica que

> A maneira de mobiliar as casas pode ser reveladora da função privilegiada dos seus ocupantes: simples abrigo para as pessoas e seus bens, refúgio aconchegante para o grupo familiar restrito e fechado ou acolhedor para o estrangeiro, expressão de poder e de riqueza (PIPONNIER, 2006, p. 295).

No *Capitulo V* do *Libro IV* da *Arte do comércio*, Benedetto Cotrugli alerta, todavia, que o mercador deve agir com racionalidade ao mobiliar sua casa, pois deve evitar exageros e suntuosidade em demasia, comuns em algumas regiões da Itália, visto que isso implica gastos

---

Eleventh, there should be water in the house and washrooms so that the servants do not need to leave the house to wash or for other reasons.
Twelfth, it should have open spaces that receive the sunshine, where the washing can be dried; good solid doors, and secure locks everywhere; and whoever delights in literature should not have to keep their books in the common writing areas, but should have a little desk of their own either in their bedroom or at least nearby, where they can study when they have spare time, which is a most honourable activity and worthy of glorification" (COTRUGLI, 2017, p. 143-144).

que podem afetar as finanças da família. Contudo essa parcimônia na ornamentação da casa não significa simplicidade. Pelo contrário, a casa deve ser acolhedora não apenas à família do mercador, mas, especialmente, às visitas e aos clientes que venham para tratar de negócios (COTRUGLI, 2017, p. 150-151).

Charles de La Roncière, ao tratar das casas urbanas, explica que as casas

> [...] dos burgueses [...] são muito mais bem equipadas, superioridade devida sobretudo à profusão de luminárias, quer se trate de simples candeeiros a azeite (de barro mas igualmente de estanho, de ferro), de lanternas, "porta-candeeiros", de inúmeros candelabros, enfim, candelabros curtos ou longos, de cobre, de ferro, "ingleses". Todos esses objetos se encontram, por vezes em vários exemplares, nos interiores florentinos abastados (conhecidos) dos anos de 1400 (LA RONCIÈRE, 1990, p. 196).

Dessa forma, a casa de um grande mercador, especialmente daquele vinculado às principais companhias de comércio italianas, para quem Benedetto Cotrugli escreve o *Livro da arte do comércio*, deveria espelhar o nível social do mercador e sua importância no contexto da economia mercantil italiana do século XV.

Nesse sentido, o *Livro da arte do comércio* apresenta informações oriundas do mundo comercial de fins da Idade Média, no qual ele se encontra inserido, que eram fundamentais ao exercício da profissão. Além disso, assemelha-se aos "espelhos de príncipes", um gênero literário cujas origens remontam à Antiguidade, masque se manifesta no Ocidente já na Alta Idade Média, como bem demonstrou Leila Rodrigues Roedel (1997), nos estudos das obras dedicadas ao rei Suevo Teodomiro, no século VI.

Com base no exposto, a obra de Benedetto Cotrugli, para além das informações de ordem eminentemente econômica, assume um caráter nitidamente didático, moral e filosófico. Assim, forma um tipo de "espelho de mercador", dedicado a todos que exerciam ou pretendessem exercer a arte do comércio, no contexto da Baixa Idade Média.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, analisamos a figura do mercador na Idade Média, tendo como fonte um tipo de documento produzido pelos próprios mercadores: os manuais de comércio. Utilizamos o *Livro da arte do comércio*, escrito em 1458 por Benedetto Cotrugli (1416-1459), no qual o autor apresenta a figura do mercador ideal, segundo seu ponto de vista.

A ideia surgiu a partir das investigações realizadas nesse campo pelo professor Dr. Jaime Estevão dos Reis, especialmente em seu artigo intitulado *Os manuais de mercadores da Idade Média: uma análise comparada do Zibaldone da Canal e o La pratica della mercatura*, publicado em 2015, na Revista de História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A leitura desse texto nos remeteu aos estudos de historiadores pioneiros que se dedicaram ao tema, como o belga Henri Pirenne, que publicou, em 1929, o clássico artigo *L'instruction des marchands au moyen âge* na primeira edição da revista *Annales d'histoire économique et sociale*. Esse artigo era, na verdade, uma resposta à tese do economista e sociólogo alemão Werner Sombart, o qual, em sua obra *Der Moderne Kapitalismus* (1902), havia descrito os mercadores medievais como homens desprovidos dos conhecimentos necessários ao exercício da profissão, como o domínio da língua latina e o conhecimento matemático. Ainda, para esse sociólogo, faltavam aos mercadores, também, o desejo de ganho e a racionalidade prática capaz de promover o desenvolvimento econômico. Isso, na opinião de Werner Sombart, somente ocorreria a partir do período moderno, do qual o capitalismo é fruto.

Além do artigo anteriormente apontado e de outras obras de Henri Pirenne, como *As cidades da Idade Média* (2009) e *História econômica e social da Idade Média* (1982), dialogamos com outros historiadores econômicos que também se dedicaram à temática dos mercadores. Dentre eles, destacamos Armando Sapori, (1970), Yves Renouard (1973) e Robert Sabatino Lopez (1986).

Com o intuito de contribuir com os estudos acerca dos mercadores na Idade Média, buscamos analisar o exercício da profissão, bem como a definição de sua imagem no manual de Benedetto Cotrugli, conforme já evidenciamos. Para tanto, iniciamos nossa discussão a partir da compreensão da vida e da obra de Benedetto Cotrugli, que vivenciou a realidade do mundo dos negócios nas Cidades-Repúblicas italianas de finais da Idade Média. Assim, elaboramos um estudo detalhado acerca do manual *A arte do comércio*, da forma como está estruturado seu conteúdo, bem como recuperamos a historicidade de suas edições até o momento contemporâneo.

Para entendermos a produção dos manuais de mercadores, discutimos o contexto da chamada "Revolução Comercial da Idade Média", termo empregado pelos historiadores econômicos medievais para se referirem ao período de desenvolvimento e auge das atividades comerciais, que se estende do século XI a meados do século XIV, de acordo com a ótica de cada historiador. Desse modo, partimos do conceito de "revolução" cunhado na historiografia para, a partir das definições, entendermos o sentido do termo "Revolução Comercial" aplicado à Idade Média.

A partir do estudo da tipologia da fonte escolhida (o manual de mercador intitulado *Livro da arte do comércio*) e do conhecimento do seu conteúdo, optamos por analisar, nesta dissertação, reflexões acerca da imagem do mercador, a qual é definida a partir de discussões de ordem religiosa, moral, filosófica e didática. Tais reflexões são, segundo o autor, conselhos úteis a quem pretendesse exercer a atividade de mercador.

A obra configura-se, ao estilo dos "espelhos de príncipes" medievais, como um verdadeiro "espelho de mercador". Isso se deve à natureza dos aconselhamentos elencados por Benedetto Cotrugli aos mercadores, frutos, segundo ele, de sua vasta experiência no mundo dos negócios das grandes companhias de comércio italianas de fins da Idade Média.

A imagem do mercador que discutimos nesta dissertação não é pictórica, mas literária. Assim como a imagem pictórica, a imagem literária está repleta de intenções e sensibilidades. Conforme explica Sandra Jatahy Pesavento (2008b, p. 109) "as imagens contêm discursos e os textos remetem a imagens, visuais e mentais".

Benedetto Cotrugli formula, no *Livro da arte do comércio*, um conjunto de preceitos para os mercadores, a fim de legitimar tal "arte" no contexto da Cristandade de fins da idade Média, no qual o mercador já está plenamente inserido. De acordo com esse autor, o mercador deverá "agradar" a Deus e aos homens, no exercício correto da profissão.

Ademais, para Benedetto Cotrugli, a arte do comércio é gestada desde a intimidade do lar. Portanto, a conduta profissional é o reflexo da conduta familiar, inclusive nas características da estrutura das habitações, pois tais características definem o nível social de quem nelas habita. No caso dos mercadores enriquecidos, como Benedetto Cotrugli, a casa ideal deve atender a um conjunto de requisitos, como um escritório decorado, planejado e apropriado, pois, devido à vida cada vez mais sedentária dos mercadores integrantes das grandes companhias de comércio, era o local onde eles recebiam grande parte dos clientes para tratar dos negócios. Certamente, um ambiente respeitável e que transmitisse segurança favorecia as transações econômicas.

REFERÊNCIAS

Fontes

COTRUGLI, Benedetto. **Libro de l'arte de la mercatura**. Vera Ribaudo (Ed.). Venezia: Edizioni Ca' Foscari, 2016. Disponível em: <http://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/book/978-88-6969-088-4/978-88-6969-088-4.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2017.

COTRUGLI, Benedetto. The Book of the Art of Trade. In: CARRARO, Carlo; FAVERO, Giovanni (Eds.). **Benedetto Cotrugli -** The Book of the Art of Trade. Translation by John Francis Phillimore. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2017. p. 21-172.

Bibliografia

ARENDT, Hannah. **Sobre a revolução**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARISTÓTELES. **A política**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AURELL, Jaume. Mercador. In: AURELL, Jaume; PUIGARNAU, Alfons. **A Cultura do Mercador na Barcelona do Século XV**. São Paulo: Ramon Llull, 2008. p. 126-207.

AURELL, Jaume. Reading Renaissance Merchants' Handbooks: Confronting Professional Ethics and Social Identy (Chapter 2). In: LIS, Catharina (Org.). **The Idea of Work in Europe from Antiquity to Modern Times**, 2009. p. 71-90. Disponível em: <http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/29296/1/Reading%20Renaissance%20Merchants%E2%80%99%20Handbooks%20.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2018.

BRINTON, Crane. **Anatomia das revoluções**. Tradução de José Veiga. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S. A., 1958.

CASAR, Fátima Pavón. **La imagen de la realeza castellana bajomedieval en los documentos y manuscritos**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Geografía e Historia, Madri, 2009. Disponível em: <https://eprints.ucm.es/9313/1/T31084.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2019.

CAUNEDO DEL POTRO, Btsabé. Algunos aspectos de los manuales de mercaduría. El valor del aprendizaje. La pereza es llave de la pobreza. **Anuario de Estudios Medievales**, 41/2, 2011, p. 803-817. Disponível em: <http://estudiosmedievales.revistas.csic.es/index.php/estudiosmedievales/article/download/372/378>. Acesso em: 21 mai. 2017.

CERTEAU, M. de; GIARD, L. Espaços privados. In: CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 203-207.

COPÉRNICO, Nicolau. **As revoluções dos orbes celestes**. Tradução de A. Dias Gomes e Gabriel Domingues. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

COSER, Miriam. **Um novo conceito de Idade Média nas escolas**. Disponível em: <http://www.ufrrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/praticasdiscursivas/artigos/novo.pdf >.Acesso em: 20 ago. 2016.

COTRUGLI, Benedetto. **Benedetto Cotrugli** – Arricchirsi com onore: elogio del buon imprenditore. Alessandro Wagner (Ed.). 1. ed. Milano: Rizzoli, 2018. Epub.

COTRUGLI, Benedetto. **Il libro dell'arte di mercatura**. Venezia: Arsenale Editrice, 1990.

COTRUGLI, Benedetto. **Traité de la marchandise, et du parfait marchand -** disposé en quatre livres. Traduict de l'italien de Benoit Cotrugli raugean, par Iean Boyron. À Lyon, par les héritiers de François Didiner (27 out. 1582). Paris: L'Harmattan, 2008.

DELA MARchandise, et dv parfaict marchant. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=8O0_DUxl0acC&hl=pt-BR&pg=PT4#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 05 nov. 2018.

DELLA MERCATVRA (a). Disponível em: <http://bajarlibros.co/img/uYbqRYPsHmWpFwW9Rm7NFwWNFkC13wW4HwfSFw4UHwjSFNboFNcSuvDdJw2UHwJmFw7q3wWwJtBSbCCejqaIcCaOcCalxwJZJTCWLUP8P5.jpg >. Acesso em: 05 nov. 2018.

DELLA MERCATVRA (b). Disponível em: <https://books.google.com.br/books/content?id=2S6TNz5JsZcC&hl=ptBR&pg=PP7&img=1&zoom=3&sig=ACfU3U0rVdadmlyYCVrb72ezQaFy_xSQ&ci=9%2C10%2C983%2C1527&edge=0>. Acesso em: 05 nov. 2018.

DELLA MERCATVRA (c). **Wikimedia Commons**, 2009. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Della_Mercatura_-_1578.jpg>. Acesso em: 14 nov. 2017.

DE NAVIGATIONE. Disponível em: <https://brbl-zoom.library.yale.edu/viewer/1029720>.Acesso em: 26 out. 2018.

DUBY, Georges. Abertura. In: AIRÈS, Philippe; DUBY, Georges (Orgs.). **História da vida privada, 2**: da Europa feudal à Renascença. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 17-48.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução de Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FACHETTA, Piero. Il trattato De navigatione di Benedetto Cotrugli (1464-65). Edizione commentata del ms. Schoenberg 473 con il testo del ms. 557 di Yale. **Studi Veneziani**, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/9738025/Il_trattato_De_navigatione_di_Benedetto_Cotrugli_14641465_._Edizione_commentata_del_ms._Schoenberg_473_con_il_testo_del_ms._557_di_Yale>. Acesso em: 21 mai. 2017.

FAVERO, Givanni. A New Edition of Benedetto Cotrugli's. The Book of the Art of Trade. In: CARRARO, Carlo; FAVERO, Giovanni (Eds.). **Benedetto Cotrugli -** The Book of the Art of Trade. Translation by John Francis Phillimore. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2017. p. 21-172. p. 9-19.

FOSSIER, Robert. **As pessoas da Idade Média**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2018.

FOURQUIN, Guy. **História Económica do Ocidente Medieval**. Tradução de Fernanda Barão. São Paulo: Edições 70, 1991.

GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval**: (séculos XII-XIV). Tradução de Marcelo Cândido da Silva e Victor Sobreira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GIMPEL, Jean. **A Revolução Industrial da Idade Média**. Tradução de Amarina Alberty. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.

GRAS, Norman Scott Brien. **Business and capitalism:** an introduction to business history. New York: Crofts, 1939.

HAHN, Fábio André. Reflexos da perfeição: alguns elementos do gênero espelhos de príncipes na Idade Moderna. **Revista Varia Scientia**, Cascavel, v. 06, n. 12, 2006. p. 151-157. Disponível em: <https://www.academia.edu/34445572/REFLEXOS_DA_PERFEI%C3%87%C3%83O_ALGUNS_ELEMENTOS_DO_G%C3%8ANERO_ESPELHOS_DE_PRINCIPES_NA_IDADE_MODERNA>. Acesso em: 19 maio 2019.

HANSSEN, Mark. The spiritual formation of the bourgeois merchant. **Cauriensia**, v. XI, 2016. p. 157-196. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/5a5f/4502503b259e62c808140b6022403e0f5b81.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2019.

HOBSBAWM, Eric John. **A era das revoluções**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

INFELISE, Mario. The Printed Editions of Benedetto Cotrugli's Treaty. In: CARRARO, Carlo; FAVERO, Giovanni (Eds.). **Benedetto Cotrugli -** The Book of the Art of Trade. Translation by John Francis Phillimore. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2017. p. 213-218.

JAPIASÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Disponível em: <http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf>. Acesso em: 27 out. 2018.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945/1084>. Acesso em: 26 ago. 2019.

LA RONCIÈRE, Charles de. A vida privada dos notáveis toscanos no limiar da Renascença. In: DUBY, Georges (Org.). **História da vida privada, 2**: da Europa feudal à Renascença. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 163-310.

LAUAND, Jean. Introdução. In: AQUINO, Tomás de. **A prudência**: a virtude da decisão certa. Tradução, introdução e notas de Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2015. p. V-XXIII.

LE GOFF, Jacques. **Mercadores e banqueiros da Idade Média**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LE MENÉ, Michel. **A economia medieval**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

LOPEZ, R. S. **A revolução comercial da Idade Média**: 950-1350. Tradução de Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

LOPEZ, R. S. **Nascimento da Europa**. Tradução de A. H. de Oliveira Marques. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: Edições Cosmos, 1965.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. Tradução de Carlos Eduardo Silveira Matos, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MECEVEDY, Colin. **Atlas de história medieval**. Tradução de Bernardo Jofilly. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MONNET, Pierre. Mercadores. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário analítico do Ocidente medieval**: volume II. Tradução coordenada por Hilário Franco Júnior. São Paulo: Editora Unesp, 2017. p. 208-223.

MONTANELLI, Indro; GERVASO, Roberto. **Itália**: os séculos decisivos. Tradução de Carlos Laino Júnior. São Paulo: IBRASA, 1968.

MONTANELLI, Indro; GERVASO, Roberto. **Itália**: os séculos de ouro. Tradução de Carlos Laino Júnior. São Paulo: IBRASA, 1969.

PASQUINO, Gianfranco. Revolução. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política** - Vol. 2. Tradução de Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacais e Renzo Dini. 13. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010. p. 1121-1131.

PEGOLOTTI, Francesco Balducci. **La Pratica Della Mercatura**. Cambridge, Massachusetts: The Mediaeval Academy Of America, 1936. Disponível em: <https://cdn.ymaws.com/www.medievalacademy.org/resource/resmgr/maa_books_online/evans_0024_bkmrkdpdf.pdf>. Acesso em: 03 out. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagem, memória, sensibilidades: territórios do historiador. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Imagens na história**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008a. p. 17-34.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mudo da imagem: território da história cultural. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. **Narrativas, Imagens e práticas sociais**: percursos em história cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008b. p. 99-122.

PIPONNIER, Françoise. Cotidiano. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Coordenador de tradução Hilário Franco Júnior. Bauru: Edusc, 2006. p. 283-299.

PIRENNE, Henri. **As cidades da Idade Média**. Tradução de Carlos Montenegro Miguel. Portugal: Mem Martins – Publicações Europa América, 2009.

PIRENNE, Henri. **História econômica e social da Idade Média**. Tradução de Lycurgo Gomes da Motta. 6. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

PIRENNE, Henri. L'instruction des marchand au Moyen âge. **Annales d'histoire économique et sociale**, 1ᵉ ano, n. 1, 1929. p. 13-28. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/ahess_0003-441x_1929_num_1_1_1033>. Acesso em: 08/10/2018.

PIOTROWICZ, Paulina**. L'immagine del mercante modello in Il libro dell'arte di mercatura di Benedetto Cotrugli**. Iuvenilia Philologorum Cracoviensium, t. VI Źródła Humanistyki Europejskiej 6 Kraków, 2013. p. 349-361. Disponível em: <www.ejournals.eu/pliki/art/4642/>. Acesso em: 31 mar. 2017.

POLY, Jean-Pierre; VAUCHEZ, André; FOSSIER, Robert. **El despertar de Europa, 950-1250**. Barcelona: Crítica, 2001.

PUIGARNAU, Alfons. Imagem. In: AURELL, Jaume; PUIGARNAU, Alfons. **A Cultura do Mercador na Barcelona do Século XV**. São Paulo: Ramon Llull, 2008. p. 291-342.

REINERT, Sophus A.; FREDONA, Robert. **Merchants and origins of capitalism**, 2017. Disponível em: <https://www.hbs.edu/faculty/Publication%20Files/18-021_b3b67ba8-2fc9-4a9b-8955-670d5f491939.pdf>. Acesso em: 08 out. 2018.

REIS, Jaime Estevão dos. A instrução nos manuais de mercadores medievais: o Zibaldone da Canal. In: OLIVEIRA, Terezinha (Org.). **Visões de mundo da Antiguidade e Medievo**: abordagens historiográficas. Aracaju: EDUNIT, 2016. p. 104-122.

REIS, Jaime Estevão dos. Os manuais de mercadores da Idade Média: uma análise comparada do *Zibaldone da Canal* e o *La pratica della mercatura*. **Revista de história comparada**, Rio de Janeiro, v. 9, n 1, 2015. p. 43-68. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/2350/1978>. Acesso em: 26 ago. 2019.

REIS, Jaime Estevão dos. O *Setenario* de Alfonso X, O Sábio: Código jurídico ou "espelho de príncipe". In: OLIVEIRA, Terezinha (Org.). **Educação, História e Filosofia no Ocidente**: Antiguidade e Medievo. Itajaí: Univali Editora, 2009. p. 261-268.

RENOUARD, Yves. **Gli uomini d'affari italiani del medioevo**. Milano: Rizzoli, 1973.

RIBAUDO, Vera. Sul testo dell'Arte de la mercatura. In: COTRUGLI, Benedetto. **Libro de l'arte de la mercatura**. Venezia: Edizioni Ca' Foscari, 2016. Disponível em: <http://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/book/978-88-6969-088-4/978-88-6969-088-4.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2017.

RIBAUDO, Vera. A note on the text. In: CARRARO, Carlo; FAVERO, Giovanni (Eds.). **Benedetto Cotrugli -** The Book of the Art of Trade. Translation by John Francis Phillimore. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2017. p. 219-222.

ROEDEL, Leila Rodrigues. Prudência, justiça e humildade: elementos marcantes no modelo de monarca presente nas obras dedicadas ao rei suevo. **Revista de História**, São Paulo, n. 137, 3º série, 2º sem., 1997. p. 09-24. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18824/20887>. Acesso em: 26 ago. 2019.

ROOVER, Raymond de. **San Bernardino of Siena and Sant'Antonino of Florence**: the two great economic thinkers of Middle Ages. Massachusetts.: Harvard University Printing Office Cambridge, 1967.

ROOVER, Reymond de. The Commercial Revolution of the Thirteenth Century. In: LANE, Frederic C. **Entreprise and secular change**: Readings in Economic History. Londres: George Allen and Unwin LTD, 1953. p. 80-85.

SANDRONI, Paulo. Novíssimo dicionário de economia. São Paulo: Editora Best Seller, 1999. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/magaldi/GEO_ECONOMICA_2019/dicionario-de-economia-sandroni.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2018.

SAPORI, Armando. **La cultura del mercante medievale italiano**. Disponível em: <http://www.rmoa.unina.it/2576/1/6Airaldi2b.pdf>.Acesso em: 24 out. 2018.

SAPORI, Armando. **The italian Merchant in the Middle Ages**. Translated by Patricia Ann Kennen. New York: Norton & Company, Inc., 1970.

SINGER, Paulo. Apresentação. In: MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. Tradução de Carlos Eduardo Silveira Matos, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1982. p. VII-XXXIII.

SOMBART, Werner. II – Der Händler. In: SOMBART, Werner. **Der Moderne Kapitalismus**. Leipzig: Verlag von Duncker & Humblot, 1902. p. 174-180. Disponível em: <https://visuallibrary.net/ihd/content/pageview/307670?query=Sombart>. Acesso em: 04 nov. 2018.

SOMBART, Werner. **Der Moderne Kapitalismus**. Leipzig: Verlag von Duncker & Humblot, 1902. Disponível em: <https://visuallibrary.net/ihd/content/pageview/307670?query=Sombar>. Acesso em: 04 nov. 2018.

SOUSA, José Pedro Galvão de. **Dicionário de política**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.

SPUFFORD, Peter. **Money and its use in medieval Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

SPUFFORD, Peter. **Power and profit**: the merchant in medieval Europe. New York: Thames & Hudson, 2003.

STATUES - Hither & Thither. Benedikt Kotruljević. **HRVATSKA**, 2007. Disponível em: <http://vanderkrogt.net/statues/object.php?webpage=ST&record=hr018>. Acesso em: 02 nov. 2018.

VALLE, Francisco; ALOE, Armando. Primeira Parte. In: PACIOLI, Luca. **Frà Luca Pacioli e seu tratado de escrituração de contas**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1966.

VELLOSO, Mônica Pimenta. "Sob a copa das árvores", imagens de sensibilidade na correspondência modernista. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Imagens na história**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. p. 329-343.

WALEY, Daniel. **Las ciudades-república italianas**. Traducción de José-Miguel Velloso. Madrid: Ediciones Guadarrama S.A, 1969.

WOLFF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?**. Tradução de Edison Darci Heldt. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 143-159.

YOUNG, Robert M. Revolução Científica e Tecnológica. In: BOTTOMORE, Tom (Ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 327.

ZANATO, Tiziano. Benedetto Cotrugli, merchant writer. In: CARRARO, Carlo; FAVERO, Giovanni (Eds.). **Benedetto Cotrugli -** The Book of the Art of Trade. Translation by John Francis Phillimore. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2017. p. 219-222.